

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM TÉCNICAS LABORATORIAIS  
EM SAÚDE

Ângelo Ferreira de Almeida

O ESPAÇO URBANO DO RIO DE JANEIRO:  
Diferenças, Interações e Preconceitos entre a Zona Sul e o Subúrbio da Cidade

Rio de Janeiro

2010

Ângelo Ferreira de Almeida

O ESPAÇO URBANO DO RIO DE JANEIRO:

Diferenças, Interações e Preconceitos entre a Zona Sul e o Subúrbio da Cidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico de Nível Médio em Saúde com habilitação em Laboratório em Bodiagnóstico em Saúde

Orientador: Paulo Henrique Barbosa de Andrade

Rio de Janeiro

2010

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

Ângelo Ferreira de Almeida

O ESPAÇO URBANO DO RIO DE JANEIRO:  
Diferenças, Interações e Preconceitos entre a Zona Sul e o Subúrbio da Cidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola Politécnica de Saúde Joaquim  
Venâncio como requisito parcial para  
aprovação no Curso Técnico de Nível Médio  
em Saúde com habilitação em Laboratório em  
Biodiagnóstico em Saúde

Aprovado em: 10/12/2010

BANCA EXAMINADORA

---

(Prof. Mestre Paulo Henrique Barbosa de Andrade – LABFORM / EPSJV / FIOCRUZ)

---

(Profª. Dra. Muza Clara Velásquez – LABFORM / EPSJV / FIOCRUZ)

---

(Prof. Dr. Paulo Cesar Peiter – LAVSA / EPSJV / FIOCRUZ)

*Dedico este trabalho à minha irmã Vanessa,  
que sempre foi uma das pessoas mais importantes  
na minha vida, pela cumplicidade,  
pelas intensas brigas, pela amizade, pelos conselhos  
e pelo interesse que, como poucos,  
teve pelo meu trabalho.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à colaboração do meu orientador, Paulo Henrique Barbosa de Andrade, pelo suporte de textos, pelos conselhos sempre oportunos e pelas intervenções sempre convenientes e sábias.

Agradeço à Banca Examinadora, pela disponibilidade em estar nesta ocasião de Defesa, apreciando e criticando, sempre com propriedade, o debate conduzido ao longo desta monografia.

Agradeço imensamente à amiga Marília, pelo incentivo e pela apreciação do tema tratado. Lamento sua ausência na ocasião de Defesa, mas só tenho a agradecer-lhe a amizade e a confiança.

## RESUMO

Este trabalho trabalha com a Zona Sul e o Subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro enquanto regiões da cidade que apresentam notórias distinções no seu espaço urbano, que se evidenciam a partir de disparidades sociais, econômicas, políticas, culturais, étnicas e paisagísticas. Esta monografia discute conceitos teóricos como a segregação socioespacial urbana e o conceito de Lugar Geográfico e a partir deles procura entender como a dicotomia apresentada opera física e subjetivamente no espaço urbano carioca. O Lugar, a partir dos olhar marxista e da Geografia Humanística, é ponto de partida para se pensar nas duas regiões levando em conta o significado social que carregam. A discussão sobre segregação urbana é também aplicada à dicotomia de acordo com o papel do Estado e da valorização do espaço na progressiva diferenciação do espaço urbano carioca. Para além das diferenças, esta monografia se propõe a dissertar acerca das interações entre as duas regiões e dos preconceitos gerados e causadores dessas interações, contando, para isso, com uma análise meticulosa dos dados apurados nas entrevistas realizadas em prol desta monografia, da linguagem empregada pela mídia, incluindo produções audiovisuais como filmes e novelas, e de uma revisão bibliográfica de estudos que exploram os conceitos teóricos e o tema central explorados.

Palavras-Chave: Segregação Socioespacial Urbana. Lugar Geográfico. Espaço Urbano.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
1.1 O AUTOR E A MONOGRAFIA.....	7
1.2 RIOS DE JANEIRO.....	8
1.3 A ZONA SUL E O SUBÚRBIO.....	9
1.4 O CONCEITO DE LUGAR.....	11
1.5 METODOLOGIA.....	14
<b>2 DIFERENÇAS</b> .....	15
2.1 SIGNIFICADOS SOCIAIS.....	15
2.1.1 Subúrbio: Conceito e Subjetividade.....	15
2.1.2 Zona Sul: Beleza e Modernidade.....	18
2.2 SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL URBANA.....	19
2.2.1 Características gerais e participação do Estado.....	19
2.2.2 Segregação Sócio-Espacial e “hierarquia” territorial no Rio de Janeiro.....	22
2.3 PERCEBENDO DIFERENÇAS.....	30
2.4 DIFERENÇAS INTERNAS.....	35
<b>3 INTERAÇÕES</b> .....	37
3.1 RELAÇÕES DE TRABALHO.....	38
3.2 LAZER E ENTRETENIMENTO.....	40
3.3 FAMÍLIA E AMIGOS.....	41
<b>4 PRECONCEITOS</b> .....	42
4.1 A ZONA SUL E O SUBÚRBIO TERIAM <i>ÉTHOS</i> PRÓPRIOS.....	43
4.2 O OLHAR QUE VEM DA ZONA SUL.....	44
4.3 O OLHAR QUE VEM DO SUBÚRBIO.....	51
4.4 UM SENTIMENTO CARIOCA.....	54
4.5 A PRAIA TERRITORIALIZADA.....	55
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	59
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	61
<b>APÊNDICE A</b> .....	62
<b>APÊNDICE B</b> .....	63

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 O AUTOR E A MONOGRAFIA

Um trabalho científico pode começar de várias formas. Entretanto, considero que de todo e qualquer trabalho científico, pode-se extrair uma peculiar aproximação na forma como se inicia: a observação que o pesquisador aplica à sua volta, o estranhamento com que ele encara a realidade em que se insere. A observação gera o deslumbramento, o estranhamento, o inconformismo. E o inconformismo é o que gera a vontade de se debruçar sobre determinado tema.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro e criado, mais precisamente, no bairro de Guadalupe (zona norte da cidade), observei atentamente o espaço à minha volta e me incomodei com o que vi e ouvi. Desenvolvi um particular apego às questões que envolvem a geografia urbana e ao modo como essas questões se expressam na minha cidade. A distância entre os lugares, minhas oportunidades de contato com pessoas e serviços de diferentes lugares, a distribuição espacial do aparato de infraestrutura nos diferentes bairros da cidade, a imagem que eu tinha do meu bairro e da minha cidade, o senso que as pessoas à minha volta tinham de moradores de outras localidades da cidade e o progressivo conhecimento que fui adquirindo de outros bairros do Rio: tudo isto me provocou a trabalhar com este tema e, com isso, me apropriar um pouco mais da cidade em que vivo e elucidar um incômodo e dissonante contraste que todos os dias saltam aos nossos olhos e que pode e deve ser mais debatido.

A questão de confrontar a Zona Sul e o Subúrbio da Cidade não surgiu por acaso. Desde cedo, percebi o quanto essa contradição está impregnada no discurso dos cariocas e da mídia. Quando criança, lembro-me de um fato em especial, quando me disseram que moro na “zona sul de Guadalupe”, referindo-se ao fato de morar numa parte não favelizada do meu bairro, o que associava o termo “zona sul” à parte de um lugar melhor estruturada em relação às outras partes. Recentemente, passando pela Avenida Brasil, importante via expressa da cidade, pude ler uma propaganda de um serviço que se comprometia em oferecer “atendimento de Zona Sul e preço de Zona Norte”, também demarcando com isso um discurso de superioridade dos serviços encontrados na Zona Sul contraposto ao baixo custo de seus respectivos no Subúrbio. Há pouco tempo, li também uma entrevista de uma conhecida banda nascida no Subúrbio Carioca, o Roupas Nova, na qual um dos integrantes do grupo

utilizava a banda como exemplo vivo de que “não era preciso nascer na Zona Sul para se fazer sucesso”, como se quisesse se opor a um discurso contrário predominante.

Além dos exemplos pessoais que me ocorrem à memória neste momento, poderia citar aqui muitos outros de várias pessoas e da própria forma como a mídia trabalha com este discurso. Contudo, voltarei mais tarde a esse debate.

Dadas diferenças e aproximações entre as duas regiões da cidade, o que se verifica afinal é que tal dicotomia continua povoando o imaginário e o cotidiano dos cariocas e se expressando nas diferenças do espaço urbano carioca, na dinâmica de interação entre cariocas moradores em diferentes áreas da cidade e nos preconceitos gerados entre os moradores do Rio de Janeiro.

## 1.2 RIOS DE JANEIRO

A cidade do Rio de Janeiro, localizada no sudeste brasileiro, constitui a segunda maior metrópole do país, com população estimada em 6,0 milhões de habitantes.

Quando se fala do Rio de Janeiro, em escala nacional ou internacional, a imagem que se faz da cidade costuma ser bastante homogênea. Culturalmente, é a cidade onde nasceu o samba e a bossa-nova, estilos musicais tidos para muitos como genuinamente brasileiros, sem falar do carnaval, que encontra na cidade seu expoente máximo. Paisagisticamente, a imagem do Rio de Janeiro dificilmente não se confunde com uma orla caprichosamente recortada por belas praias, entre as quais a famosa Praia de Copacabana, com exuberantes formações rochosas como o Pão-de-Açúcar e com emblemáticos monumentos como o Cristo Redentor e o Estádio do Maracanã. Economicamente, a cidade se destaca pelo grande volume de produções audiovisuais e aparato midiático que concentra e pelo notório turismo, além do naturalmente amplo e variado setor de serviços, como em qualquer grande cidade. Etnicamente, é uma cidade bastante diversificada e miscigenada. E, por fim, politicamente, o Rio de Janeiro herda significativo legado dos tempos em que foi sede do Império e capital da república, verificado pela presença de sedes de empresas nacionais e órgãos estatais até hoje.

Tudo que falei até aqui, contudo, se resume a uma problemática visão homogênea que se tem da cidade, que não dá conta de elucidar a complexidade e a diversidade que pode ser extraída do seu espaço urbano. Este é o ponto de partida desta monografia: tomar a cidade do Rio de Janeiro como um espaço urbano heterogêneo, marcado por fortes disparidades que se evidenciam e se reproduzem espacialmente.

Ora, o que se pode desdobrar disso é que a imagem homogênea traçada do Rio de Janeiro anteriormente pode ser desconstruída em todos os aspectos mencionados: cultural, paisagística, econômica, étnica e politicamente. Culturalmente, vale compreender como os diferentes grupos sociais existentes na cidade se relacionam com o espaço em que vivem e se identificam com determinada cultura. Paisagisticamente, vale entender como a fisiologia do espaço urbano e da natureza local podem ser decisivos no agravamento das diferenças de valoração de diferentes regiões. Economicamente, vale problematizar em que partes do espaço urbano carioca se concentram renda e determinados serviços e em que sentido estes fatores determinam as relações de trabalho e os fluxos de pessoas na cidade. Etnicamente, é indispensável problematizar a distribuição espacial dos diferentes grupos étnicos e as razões históricas para tal. Politicamente, por fim, é necessário entender como o Estado é capaz de agravar as diferenças no espaço urbano da cidade, provendo-o discriminadamente de recursos e infraestrutura adequada.

### 1.3 A ZONA SUL E O SUBÚRBIO

Neste ponto se concentram os primeiros esforços desta monografia: trabalhar com a idéia de que o Rio de Janeiro é constituído por um espaço urbano extremamente diferenciado, onde convivem inúmeras disparidades. Entendido isto, é chegada a hora de apresentar os dois pólos que servem de parâmetro para o nosso debate: a Zona Sul e o Subúrbio Carioca.

Pode-se dizer que estas regiões, ao longo da consolidação do espaço urbano carioca tal qual este se apresenta hoje, foram adquirindo um caráter de oposição fortemente demarcado nos discursos produzidos pelas relações sociais no espaço urbano carioca, pela mídia e por diversas manifestações culturais. Sandra de Sá Carneiro (2009, p.193), no seu estudo “Rio, Zona Norte<sup>1</sup> e Zona Sul: fronteiras para além dos estigmas” atentou para este fato como questão central na história da cidade do Rio. Ela nos diz:

Se nos anos sessenta havia poucas críticas sobre a naturalidade das fronteiras construídas entre ‘Zona Norte’ e ‘Zona Sul’ no Rio de Janeiro, o processo reflexivo hoje existente sobre este tema não aboliu nem de longe a imagem do Rio como uma cidade estruturada segundo esta oposição. (CARNEIRO, 2009, p. 193)

Esta monografia pretende considerar pertencentes à “Zona Sul” os seguintes bairros, alocados nas seguintes Regiões Administrativas da cidade do Rio de Janeiro:

---

<sup>1</sup> No capítulo 2, deixarei explícito o porquê de minha opção em trabalhar com o termo “subúrbio” em vez de “Zona Norte”

- a) Da 4ª Região Administrativa (Botafogo): Botafogo, Catete, Cosme Velho, Flamengo, Glória, Humaitá, Laranjeiras e Urca
- b) Da 5ª Região Administrativa (Copacabana): Copacabana e Leme.
- c) Da 6ª Região Administrativa (Lagoa): Gávea, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Leblon, São Conrado e Vidigal.
- d) Da 27ª Região Administrativa (Rocinha): Rocinha<sup>2</sup>.

A delimitação do “subúrbio” do qual esta monografia pretende tratar é um tanto subjetiva nas relações práticas do cotidiano carioca, porque carrega consigo um forte significado social<sup>3</sup>, para além da sua definição puramente funcional. No entanto, a aplicação do termo subúrbio no Rio de Janeiro segundo Pallone (2005, p.11) nos fornece um bom parâmetro de classificação, pois coincide com áreas sobre as quais o significado social de “subúrbio” construído na cidade costuma recair. Subúrbio refere-se à mancha urbana formada em torno da linha férrea, responsável por ligar as áreas periféricas das regiões metropolitanas à sua área central. Segundo a autora, no Rio de Janeiro, mais especificamente, essa denominação enquadra as áreas onde se faz presente um tipo de transporte urbano em especial: o trem.

Na região metropolitana do Rio de Janeiro, a linha do trem passa por bairros da Zona Norte e da Zona Oeste (na cidade do Rio) e por municípios da Baixada Fluminense. As três regiões mencionadas, portanto, se relacionam à definição de Subúrbio: as duas primeiras, na sua delimitação intramunicipal; e a terceira, na sua delimitação metropolitana. Nesta monografia, o objetivo é trabalhar com sua delimitação intramunicipal. E, mais especificamente, com o Subúrbio da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, por estar historicamente mais inserido na polaridade norte-sul do espaço urbano carioca, abordada nesta monografia. Não se esquecendo, entretanto, que a Zona Oeste carioca e a Baixada Fluminense também apresentam traços urbanísticos, socioeconômicos, políticos, étnicos e culturais que as aproximam do significado social da palavra Subúrbio no Rio de Janeiro.

Para além dos bairros cortados diretamente pela linha do trem, são considerados subúrbios aqui também, bairros próximos à linha do trem que estejam integrados a este tipo de serviço: tanto por estarem dentro da mancha urbana servida pela linha férrea, quanto pela

---

<sup>2</sup> Embora tomada pela prefeitura do Rio de Janeiro como uma região administrativa autônoma, a Favela da Rocinha é aqui considerada parte do bairro de São Conrado.

<sup>3</sup> Trabalharei, no capítulo 2, com o significado social que o Subúrbio e a Zona Sul construíram no Rio de Janeiro.

própria dinâmica de vida de seus moradores, na qual o uso do trem, ainda assim, assume importância significativa.

Levando em conta a abrangência do termo Subúrbio descrita até aqui, podemos dividi-lo em três áreas: o Subúrbio da Central, o Subúrbio da Leopoldina e o Subúrbio da Linha Auxiliar. Há, contudo, excepcionalmente, que se expandir a delimitação do subúrbio a uma quarta linha, esta operada pelo meio de transporte metrô. Isto se explica: na Zona Norte, a Linha 2 do metrô assume papel complementar ao trem, atingindo algumas áreas da mancha urbana onde não há estações de trem, mas que não deixam de estar presentes (por questões urbanísticas, socioeconômicas, entre outras) nessa mancha urbana.

Finalmente, podemos enumerar os bairros da Zona Norte incluídos na delimitação de Subúrbio proposta por esta monografia, segundo o Subúrbio ao qual pertencem.

a) Do Subúrbio da Central: São Cristóvão, Maracanã, Mangueira, São Francisco Xavier, Riachuelo, Sampaio, Engenho Novo, Méier, Engenho de Dentro, Piedade, Quintino Bocaiuva, Cascadura, Madureira, Oswaldo Cruz, Bento Ribeiro e Marechal Hermes. E, por extensão: Abolição, Água Santa, Cachambi, Encantado, Jacaré, Lins de Vasconcelos, Todos os Santos e Campinho.

b) Do Subúrbio da Leopoldina: Triagem, Manguinhos, Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha, Penha Circular, Brás de Pina, Cordovil, Parada de Lucas e Vigário Geral. E, por extensão: Benfica, Vasco da Gama, Higienópolis e Jardim América.

c) Do Subúrbio da Linha Auxiliar: Triagem, Jacarezinho, Del Castilho, Pilares, Tomás Coelho, Cavalcanti, Madureira, Rocha Miranda, Honório Gurgel, Barros Filho e Costa Barros. E, por extensão, Engenheiro Leal, Turiaçu, Vaz Lobo e Guadalupe.

d) Do Subúrbio da Linha 2 do Metrô (não citados anteriormente): Maria da Graça, Inhaúma, Engenho da Rainha, Vicente de Carvalho, Irajá, Colégio, Coelho Neto, Acari e Pavuna. E, por extensão, Vila Cosmos, Vila da Penha e Vista Alegre, Parque Colúmbia, Anchieta e Parque Anchieta.

#### 1.4 O CONCEITO DE LUGAR

Para esta monografia, não é suficiente contrapor a Zona Sul e o Subúrbio da Zona Norte da cidade sem se apoiar num conceito importantíssimo para a Geografia, o de Lugar<sup>4</sup>. Afinal, as diferenças que podem ser extraídas entre as duas regiões se esvaziariam na heterogeneidade de cada região, não fosse a ressalva de que Zona Sul e Subúrbio são Lugares

---

<sup>4</sup> Grafado em letra maiúscula sempre que referido enquanto um conceito teórico.

diferentes. Quer-se dizer com isso que, apesar da intensa diversidade encontrada dentro de cada região, há um ponto central que as mantém diferenciadas. E este é o Lugar que representam.

Assim sendo, este debate só se sustenta porque, dadas as diferenças econômicas, políticas, culturais, urbanísticas e étnicas entre o bairro do Méier e o bairro da Pavuna, é possível extrair deles uma fundamental semelhança: seu pertencimento ao Lugar Subúrbio. Do mesmo modo, dadas as mesmas diferenças entre os bairros do Leblon e do Cosme Velho, extrai-se deles uma semelhança igualmente fundamental: seu pertencimento ao Lugar Zona Sul.

A construção de um Lugar Geográfico está intrínseca ao seu desenvolvimento histórico e ideológico, além dos demais fatores que não me canso de citar (econômico, cultural, político, étnico, paisagístico, urbanístico etc.). Acrescido a esses fatores, é de suma importância para o entendimento do Lugar a relação que se dá entre os indivíduos e o meio onde estão inseridos e, do mesmo modo, entre os próprios indivíduos. A perspectiva marxista e a Geografia Humanística nos dão importantes parâmetros para entender o que, de fato, determina a existência e a reprodução da existência de um Lugar.

À luz da perspectiva marxista, que também encontra aqui boa aplicação, o Lugar é caracterizado pelo reflexo das relações econômicas (no nosso caso, capitalistas) desenvolvidas nele. Disso, se desdobra entender o valor econômico que os Lugares trazem consigo, a partir da sua participação na produção capitalista, da sua identidade com as classes sociais que o compõem, da parcela de renda que concentram, dos tipos de serviço e da mão-de-obra de que dispõem etc.

Além disso, tal perspectiva se funda no princípio de que o Lugar é revestido de características singulares e globais mutuamente: “Trata-se na realidade de uma visão na qual o lugar é considerado tanto como produto de uma dinâmica que é única, ou seja, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, quanto como uma expressão de globalidade” (LEITE, 1998, p.15).

É ainda interessante notar como os Lugares, enquanto inseridos numa dinâmica econômica capitalista, acabam desenvolvendo participações complementares nessa dinâmica. Participações estas que, em tal sistema econômico, absorvem características contraditórias. Quanto às contradições internas, Leite nos fornece um ponto de vista precioso:

Na medida em que as contradições internas constituem-se na principal razão de existência do Capitalismo, o lugar, segundo este ponto de vista, seria também um reflexo desta ambigüidade, e logo das dualidades centro/periferia, geral/pontual, globalização(homogeneização)/fragmentação. (LEITE, 1998, p.15-16)

E, por que não, completaria, da dualidade Zona Sul/Subúrbio no Rio de Janeiro? Afinal, tratam-se de regiões ao mesmo tempo tão singulares segundo os aspectos que guiaram sua formação, mas inseridas numa dinâmica de interações<sup>5</sup> determinadas pelo sistema capitalista.

Voltemo-nos agora para a Geografia Humanística, que também nos reserva um importante olhar para o conceito de Lugar. A partir dela, desenvolve-se uma concepção a respeito do Lugar que leva em conta o reflexo das relações afetivas entre pessoas e entre estas e o meio. Mais do que isso: aqui, o Lugar está fortemente ligado às experiências e às trajetórias acumuladas por seus indivíduos, o que o diferencia do Espaço, elemento “desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva” (LEITE, 1998, p. 13).

Nesta concepção, o Lugar é cenário do cotidiano carioca e da interação dos cariocas com as atividades exercidas nele. Afinal, estar num Lugar pressupõe interagir com elementos que o constituem. Um dos efeitos imediatos dessa interação é a criação de uma rotina própria dos habitantes de um certo Lugar e de um apego especial a este. Além disso, é importante entender certos limites de interação de um carioca com a sua cidade, limites estes apoiados na oportunidade de contato com diferentes lugares e no que tais lugares proporcionam à sua experiência de vida. Obviamente, será preciso entender mais minuciosamente as diferenças econômicas, culturais, políticas e paisagísticas entre a Zona Sul e o Subúrbio para entender as experiências dos moradores dessas regiões no Lugar em que se dão.

Ou seja, as perspectivas marxista e humanística, ainda que se polarizem de acordo com o foco central de sua teoria, são perfeitamente cabíveis e correlacionáveis para entender o conceito de Lugar. Afinal, as características econômicas e políticas de um Lugar, acrescidas das características paisagísticas e culturais, influenciam diretamente sobre o contato dos moradores de uma cidade com os diferentes Lugares que a compõem. Tratam-se de concepções de Lugar distintas, porém não contraditórias. São perfeitamente conciliáveis e complementares.

Voltaremos à discussão de Lugar segundo a Geografia Humanística no capítulo 4 desta monografia, no qual trabalharemos com o senso de pertencimento a um Lugar diante do surgimento de ameaças e preconceitos que o estigmatizem.

## 1.5 METODOLOGIA

---

<sup>5</sup> Falarei mais sobre as interações capitalistas (além das interpessoais e afetivas) entre a Zona Sul e o Subúrbio da Zona Norte no capítulo 3.

Para fechar este capítulo introdutório, falarei um pouco sobre a metodologia empregada na elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. A aplicação de entrevistas foi indispensável para a articulação entre os conceitos teóricos que aqui serão debatidos e sua real aplicação nas relações práticas do cotidiano carioca; acrescida, logicamente, de uma revisão bibliográfica de estudos que giram em torno da questão e de uma observação atenta e crítica da linguagem midiática a respeito do assunto, através de novelas, filmes, noticiários e até mesmo músicas.

Os resultados das entrevistas realizadas poderão ser observados nos próximos três capítulos, sempre relacionados diretamente ao debate teórico neles levantado. Portanto, serão úteis para entender tanto as diferenças, quanto as interações e os preconceitos entre a Zona Sul e o Subúrbio da Zona Norte da Cidade.

Foram aplicadas 75 entrevistas em 6 bairros da cidade: três deles localizados na Zona Sul (Botafogo, Copacabana e Leblon) e três deles localizados no Subúrbio da Zona Norte (Madureira, Penha e Méier). As entrevistas foram realizadas em 5 ocasiões, todas no mês de outubro de 2010. Em cada bairro da Zona Sul foram aplicadas 10 entrevistas, enquanto que em cada bairro do Subúrbio foram realizadas 15.

Aplicar entrevistas foi uma experiência riquíssima. Foi como conversar abertamente com o meu maior objeto de pesquisa: as pessoas. Elas, contribuindo com suas trajetórias, suas percepções e opiniões, são os maiores agentes construtores do espaço urbano. É impossível dissociar Lugar e trajetória, concreto e subjetivo, quando falamos em espaço urbano. Os resultados mais palpáveis das entrevistas serão abordados ao longo das próximas páginas e poderemos ver a partir deles como opera física e subjetivamente a dicotomia Zona Sul/Subúrbio na cidade.

## **2 DIFERENÇAS**

Chegamos ao ponto de nos debruçar sobre o primeiro dos eixos temáticos deste Trabalho de Conclusão de Curso: o que aborda as diferenças entre a Zona Sul e o Subúrbio da Zona Norte do Rio. Entendido que o Rio de Janeiro é constituído por um espaço urbano marcado pela heterogeneidade, as duas regiões em questão podem se apresentar como marcantes pólos da cidade segundo as características que servirão de comparação entre elas.

Diferenças existem entre quaisquer lugares e podem se referir a diversos fatores. Neste capítulo, teremos o cuidado de analisar em que medida podem ser expressos os antagonismos e as diferenças entre estas duas regiões, enquanto lugares que são, buscando fugir das limitações contidas na generalização indevida e na relativização exagerada.

Tais diferenças podem ser evidenciadas de diversas maneiras: econômica, política, cultural, étnica, paisagisticamente, entre outras. Para esse debate, serão importantes os dados coletados das entrevistas realizadas articulados à exposição de importantes conceitos teóricos como a segregação sócio-espacial urbana e os significados subjetivos no espaço urbano.

## 2.1 SIGNIFICADOS SOCIAIS

### 2.1.1 Subúrbio: Conceito e Subjetividade

Na Introdução, apresentei a delimitação espacial do Subúrbio de que desejo tratar neste trabalho. No Rio de Janeiro, contudo, o termo “Subúrbio” adquire uma dimensão subjetiva própria. Nele, estariam embutidos estigmas, aspectos culturais e classistas. Primeiramente, é preciso confrontar os termos “Subúrbio” e “Periferia”, ainda que seus conceitos tenham se banalizado “de tal forma que é hoje difícil encontrar uma definição clara e consensual desses conceitos”. (DOMINGUES, 1994-1995, p. 5)

Historicamente, o termo “Subúrbio” surge para designar áreas que cercam as cidades, onde costumam se desenvolver atividades que necessitem do espaço que dificilmente encontrariam nos centros urbanos. Assim, os subúrbios seriam áreas próprias para a instalação de parques, estádios, condomínios de classes abastadas que desejassem “fugir” do caos urbano, entre outros. O crescimento das cidades, entretanto, determinou que muitas áreas antes consideradas suburbanas se tornassem urbanas, sem que com isso deixassem de ser designadas como subúrbios. Nas primeiras décadas do século XX, com as reformas urbanas, o termo “Subúrbio” passou a designar áreas servidas pela linha férrea, conceito cujo sentido se mostra essencialmente geográfico.

“Periferia”, no entanto é um termo usado para designar áreas em que predomina a presença de favelas e população de baixa renda, em geral. Isso confere à periferia um peculiar sentido político e social, o qual o Subúrbio, a princípio não tem.

O que acontece é que o termo Subúrbio “tem seu sentido deturpado, em especial no Rio de Janeiro, onde passou a designar periferia” (PALLONE, 2005, p. 11). Essa contradição de sentidos pode ser expressa claramente no seguinte fragmento: “No Rio, o setor Norte-Oeste fez com que se considerasse subúrbio um lugar onde há um serviço de transporte urbano – o trem – e onde supostamente morariam as classes sociais menos abastadas, perdendo assim o seu caráter geográfico” (PALLONE, 2005, p. 11).

Fernandes *apud* Pallone (2005, p. 11), nos diz que “a palavra Subúrbio, no Rio, é muito mal resolvida e ganhou uma conotação muito forte de classe, até meio pejorativa<sup>6</sup>”. Domingues (1994-1995, p. 5-6) nos diz ainda que os conceitos de Subúrbio e Periferia “são usados normalmente de forma negativa e relativizada, isto é, por contraposição a um centro”. Este último, nos acrescenta um significado de Subúrbio que implica necessariamente numa fragmentação do espaço. Segundo Domingues:

A cidade compacta, de limites precisos, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística, dão lugar a formações territoriais urbanas complexas, territorialmente descontínuas e ocupando territórios cada vez mais alargados. Nesta concepção, o subúrbio é a margem, o extra muros, o território impreciso e não consolidado do ponto de vista urbanístico; espécie de reserva fundiária de um crescimento urbano de tipo extensivo e submetido, ora a um processo de planejamento extremamente regulado (os “grands ensembles” residenciais do pós-guerra ou as Cidades Novas, na França, por exemplo), ora a processos espontâneos de urbanização de maior ou menor densidade, pouco ou nada regulados por qualquer figura de plano e, quase sempre, caracterizados por níveis muito baixos de infraestrutura básica<sup>7</sup>. (DOMINGUES, 1994-1995, p. 5-6)

O mesmo autor é ainda mais enfático ao nos apresentar a ideia de que tanto o subúrbio quanto a periferia são o que ele chama de “pré-conceito social”: “Deste ponto de vista o subúrbio corresponde normalmente a uma representação social estigmatizada. O subúrbio é o lugar da exclusão, da marginalidade e da segregação sociais, da anomia, da ausência de uma noção de pertença a um lugar, do défice de cidadania, etc” (DOMINGUES, 1994-1995, p. 5-6)

---

<sup>6</sup> Obviamente, esta monografia não trabalha com o termo Subúrbio nem com o termo “suburbano” pejorativamente. Ao contrário, se baseia em seu significado geográfico e apresenta seu significado subjetivo de forma crítica, considerando-o importante na compreensão das relações sociais no espaço urbano do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Este segundo tipo de processo pode ser aplicado ao Subúrbio do Rio de Janeiro e será retomado quando falarmos de “Segregação Urbana”.

No Rio de Janeiro, essa estigmatização atinge seu auge. A região é usualmente taxada como “atrasada” e associada a palavras como “desconforto”, “desordem” e “clima quente”. As implicações disso num “sistema de preconceitos” entre moradores do Subúrbio e da Zona Sul da cidade são muitas e serão aprofundados no capítulo 4 desta monografia.

Daí a proposição deste trabalho em dar destaque ao Subúrbio da Cidade, e não explicitamente à Zona Norte. Nota-se, a partir dos fragmentos selecionados uma forte imagem ideológica que se forma do Subúrbio enquanto lugar que é. Além do mais, é importante notar que bairros como os da “Grande Tijuca” (Tijuca, Rio Comprido, Vila Isabel, Andaraí, Grajaú e Alto da Boa Vista) e os da Ilha do Governador (Bancários, Cacuia, Cidade Universitária, Cocotá, Freguesia da Ilha, Galeão, Jardim Guanabara, Jardim Carioca, Moneró, Pitangueiras, Portuguesa, Praia da Bandeira, Ribeira, Tauá e Zumbi), ainda que presentes na Zona Norte, não se identificam com a denominação “subúrbio” da mesma forma que os bairros citados na introdução, o que se deve a muitos motivos. Na Grande Tijuca, podem ser apontados: proximidade geográfica à Zona Sul, proximidade à floresta urbana, fisiologia do espaço urbano, concentração de serviços, infraestrutura e indicadores sociais mais semelhantes aos da Zona Sul, integração viária mais ampla com a Zona Sul, passado histórico ligado à nobreza, entre outros. Na Ilha do Governador, destacam-se a presença de praias (ainda que em estado degradado se comparadas às da Zona Sul) e a presença de um aeroporto, que é porta de entrada e saída das classes abastadas da cidade. Sem falar, logicamente, no parâmetro fundamental que excluem as duas áreas da delimitação de Subúrbio: o fato de serem regiões não servidas pelo sistema de trens metropolitanos ou de que as dinâmicas de vida de seus moradores muito pouco se respaldam por esse meio de transporte.

O significado social dessas duas regiões da Zona Norte, conseqüentemente, se afasta da designação de Subúrbio, fato que é marcante na própria linguagem utilizada por noticiários da Rede Globo. Neles, quando algo acontece na Tijuca, acontece na Zona Norte da Cidade. Mas se algo acontece em Bento Ribeiro, também na Zona Norte, acontece no Subúrbio do Rio.

Tentou-se mapear o significado social e subjetivo da palavra “Subúrbio” no cotidiano carioca, perguntando aos entrevistados desta monografia, na Zona Sul, que palavra ou termo lhes vinha à memória quando pensavam em “Subúrbio”. Pedi-lhes que o associassem a uma palavra positiva e a outra negativa. Algumas pessoas se confundiram, achando que eu havia solicitado a elas que enquadrassem o Subúrbio como uma palavra positiva ou uma palavra negativa. Ainda que este não fosse o propósito da pergunta, foi curioso o fato de que a maioria das pessoas que se confundiram respondeu “Negativa”. Esclareci a elas o verdadeiro

propósito da pergunta. No geral, pude perceber que ocorria à memória das pessoas mais rapidamente uma palavra “negativa”. Uma prova dessa identificação mais imediata e objetiva do Subúrbio a palavras negativas foi o fato de que foram citados e vinte e dois diferentes aspectos positivos e apenas dez aspectos negativos.

Entre os aspectos positivos, os moradores da Zona Sul costumaram recorrer a uma imagem emblemática do Subúrbio, até mesmo idealizada, como um lugar onde as pessoas são humildes (3 citações) e vivem em vizinhança (4 citações). Seriam ainda fortemente atribuídas ao Subúrbio palavras como “convivência”, “solidariedade”, “simplicidade”, “alegria” e “amizade”.

Entre os aspectos negativos, os moradores da Zona Sul citaram, taxativos, a violência, em primeiro lugar (9 citações). Além de violento, o Subúrbio seria, para esses entrevistados, um lugar distante, de difícil acesso (5 citações) e lembraria aspectos como “pobreza” (5 citações), “abandono” (ou falta de cuidado) por parte das autoridades (4 citações) e falta de infraestrutura, lazer e serviços (2 citações). Duas pessoas citaram ainda “falta de educação” dos moradores e “feiúra”.

Tais significados se desdobram ainda em preconceitos que serão mais detalhadamente debatidos no capítulo 4.

### 2.1.2 Zona Sul: Beleza e Modernidade

Quando se fala em Zona Sul, no Rio de Janeiro, também costuma ser imediata a identificação de uma área da cidade mais rica, mais bonita e mais moderna. A Zona Sul costuma figurar como cartão-postal da cidade, fornecendo o panorama visual que propositalmente representa o Rio de Janeiro no mundo todo.

Associado à Zona Sul, estaria um significado social que remeteria a gostos refinados, modo de vida moderno, pessoas bonitas e bem vestidas. E com isso, este significado social também gera entre os cariocas um sistema de preconceitos que, ao lado da importância da mídia nesta construção, será explorado no capítulo 4.

Também perguntei aos entrevistados do Subúrbio que palavra ou termo positivo e negativo lhes vinha à memória quando pensavam em “Zona Sul”. Numa confusão parecida com a que ocorreu com entrevistados da Zona Sul, alguns responderam “Positiva”, associando a Zona Sul, em geral, a aspectos positivos. Também lhes esclareci o verdadeiro objetivo da pergunta. Os aspectos positivos mais mencionados foram a “praia” (10 citações) e a “beleza” da Zona Sul (6 citações), demarcando um forte predomínio do aspecto visual da Zona Sul no

pensamento dos entrevistados. As “pessoas” (4 citações) foram, em geral, lembradas pelo suposto nível de educação e postura. A Zona Sul ainda foi associada a “lazer” por 4 entrevistados e a “maior facilidade de acesso a serviços” por três.

Entre os aspectos negativos, venceu a ausência destes. Dez entrevistados não lembraram aspectos negativos ou não souberam citar. Entre tais aspectos, a “violência” foi o mais mencionado (8 citações). O “preconceito” dos moradores da Zona Sul foi lembrado por 4 entrevistados.

É curioso notar que apesar de muitos moradores da Zona Sul terem uma imagem do Subúrbio como lugar violento, a recíproca também é verdadeira. Que lugar seria o mais violento, afinal? Eis uma pergunta complexa que esta monografia não tem pretensão de responder, mas para começar, propõe a seguinte reflexão: o fato de enxergar a outra região como a mais violenta, para além da própria violência inerente às regiões, não estaria também relacionado ao conhecimento superficial ou à falta de intimidade do indivíduo com essa região? É dada aí uma dimensão dos significados subjetivos: nem sempre são tidos com propriedade ou esclarecimento. São, muitas vezes, meras reproduções do senso comum criado e recriado pela mídia e pela sociedade como um todo.

## 2.2 SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL URBANA

A segregação urbana é um problema que assola as grandes cidades brasileiras. A segregação do território urbano marca o desenvolvimento das metrópoles do país, sendo responsável pelas evidentes marcas das desigualdades sociais no espaço urbano em suas diferentes características: na disposição espacial de serviços e de riqueza e na dinâmica populacional das cidades. Vamos tratar desse tema nesta monografia de modo a entender em que medida essa questão se aplica à dicotomia Zona Sul-Subúrbio no Rio de Janeiro, entendendo seus limites e suas diferentes faces.

### 2.2.1 Características gerais e participação do Estado

Antes de analisar a questão da segregação sócio-espacial urbana especificamente no Rio de Janeiro, vamos nos familiarizar com o debate que já tem sido desenvolvido por diversos estudos da Geografia acerca desse tema. Em seu estudo “O padrão de Urbanização Brasileiro e a Segregação Espacial da População na Região de Campinas: O Papel dos Instrumentos de Gestão Urbana”, Caiado (1998, p. 458-9), nos dá um pontapé inicial para

refletir sobre a questão: a crítica ao próprio modelo de desenvolvimento excludente, aos moldes do capitalismo periférico, que acompanhou o crescimento das cidades brasileiras.

Assim, a expansão urbana se apóia numa sociedade com uma distribuição de renda bastante desigual, tendo como resultado a concentração de renda e população nas grandes cidades, surgindo uma estrutura social urbana fragmentada e segregada espacialmente, com a generalização das periferias urbanas, principalmente, e não só, nos grandes centros urbanos (CAIADO, 1998, p. 458-9)

A segregação sócio-espacial urbana está intimamente ligada a questões históricas que dizem respeito ao modelo de crescimento desordenado das cidades brasileiras. Essas questões passam por dois momentos essenciais: um primeiro momento (1945-1980), marcado por “um acelerado processo de urbanização, com grandes deslocamentos populacionais (para as cidades), causando profundas alterações na estrutura demográfica” e pelo “surgimento de uma rede urbana dinâmica e integrada formada por cidades de diferentes tamanhos inseridas na divisão social do trabalho”. Num segundo momento (1980-dias atuais), ocorre um movimento inverso, de “desconcentração espacial da população no interior da região metropolitana” e “terceirização da economia brasileira e mudanças no mercado de trabalho” (CAIADO, 1998, p. 459). Neste segundo momento, ocorre uma acentuação da formação de periferias urbanas, cuja população se instala em “áreas segregadas, sem acesso ao mercado formal de habitação, aos serviços básicos de infraestrutura urbana e serviços sociais e com acesso marginal ao mercado de trabalho” (CAIADO, 1998, p. 460).

Para além das razões históricas deste fenômeno, esta monografia pretende focar no debate em relação à atuação do Estado diante dele e das suas conseqüências imediatas na fisiologia do espaço urbano nas grandes cidades, sobretudo no Rio de Janeiro. Sobre a participação do Estado, Rosemere Santos Maia é clara:

Até a década de 70, de modo especial, era o Estado (aí compreendido nas suas diferentes instâncias de ação) que se constituía no principal agente de produção do espaço. Inserido na dinâmica da sociedade capitalista (o que nos permite superar quaisquer tentativas de concebê-lo como neutro, “árbitro”), ele, não raramente, priorizou os interesses dos grupos dominantes econômica e politicamente, aprofundando as desigualdades sociais e acentuando [...] a crescente elitização dos espaços urbanos centrais e a conseqüente periferização das classes e baixa renda” (MAIA, 1998, p. 39)

Quando se fala na participação do Estado na segregação sócio-espacial das cidades, é difícil não incluir um importante fator privado nesse processo: o setor imobiliário. Criam-se nas cidades duas áreas distintas: numa delas, reina a instalação de imóveis integrados ao setor imobiliário legal, na outra, reina a produção imobiliária ilegal, desenfreada e precária. E como isso acontece?

“A produção imobiliária ilegal cresce, com a conivência do poder público, ora para atender a demanda legítima por habitação das camadas mais pobres, não atendidas pelo sistema formal, ora para promover ao capital imobiliário na sua busca incessante pela majoração de lucros” (CAIADO, 1998, p. 460).

Dito isto, Caiado nos aponta uma característica crucial do Estado diante da fragmentação do espaço urbano: a conivência, ou a ilegalidade como política de Estado. Tal ilegalidade se expressa de duas maneiras: como estratégia de acesso à moradia da população mais pobre, ao passo que o Estado é incapaz (segundo o que se propõe a fazer) de criar programas habitacionais de fato eficazes e abrangentes; ou ainda, como forma de burlar a legislação em áreas de grande valorização imobiliária para atender aos interesses especulativos de segmentos da produção imobiliária.

Há que se entender, contudo, que essas duas maneiras de ilegalidade criam áreas antagônicas no espaço urbano, que se constitui numa dualidade entre áreas valorizadas e áreas não valorizadas<sup>8</sup>. A ilegalidade que permite a produção de grandes empreendimentos imobiliários em áreas de risco na Zona Sul é acompanhada por uma forte providência de infraestrutura urbana e serviços nesses lugares, enquanto a ilegalidade que permite a produção de favelas em outros locais da cidade, e até mesmo na Zona Sul, não é acompanhada disso. É razoável, com isso, dizer que as áreas não valorizadas são estrategicamente funcionais para a valorização de outras áreas. Só é caro viver em Ipanema, porque existem áreas onde não o é. E essa diferença se dá justamente pelo que acabo de citar e que constitui a segunda forma crucial de participação do Estado na segregação sócio-espacial do território urbano: a distinção de áreas da cidade de acordo com a disponibilidade de recursos nelas ofertados.

Por tais recursos podemos entender: distribuição de infraestrutura urbana e de serviços de determinado porte em certa região, oferta de saneamento, qualidade do transporte público, distribuição das atividades exercidas no território e diferente possibilidade de acesso a essas atividades pelos diferentes grupos sociais que formam a cidade etc. No estudo de Caiado sobre Campinas, um dispositivo da legislação local deixou evidente à autora um mecanismo do Estado em favor da segregação territorial urbana, não só da população mas também das atividades desenvolvidas no espaço urbano:

Através do estabelecimento de índices diferenciados de ocupação do solo, que em última estância regulam a quantidade de áreas construídas, e de diferentes possibilidades de uso, regulando o tipo de atividade a ser instalada no imóvel, a Lei de Uso e Ocupação do Solo acaba por promover a valorização diferenciada do solo

---

<sup>8</sup> Mais a frente, ainda neste capítulo, entenderemos como a valorização do espaço urbano se dá a partir dos elementos que o constituem.

urbano e conseqüentemente a segregação espacial das atividades e da população, segundo sua possibilidade de acesso a esse solo de preço diferenciado, segundo a sua localização. (CAIADO, 1998, p. 485)

E no Rio de Janeiro? Veremos a seguir as peculiaridades desse processo no Rio de Janeiro e como, igualmente, o Estado é responsável por ele. E, ainda, entender como os aspectos da segregação sócio-espacial urbana no Rio de Janeiro podem nos ajudar a perceber diferenças econômicas, políticas, culturais, étnicas e paisagísticas entre a Zona Sul e o Subúrbio da Cidade.

### 2.2.2 Segregação Sócio-Espacial e “hierarquia” territorial no Rio de Janeiro

Trazer a questão da segregação sócio-espacial urbana para o Rio de Janeiro requer alguns cuidados. Antes de relacioná-la diretamente à dicotomia Zona Sul-Subúrbio, é importante entender as diferentes formas de expressão dessa segregação.

Podemos partir de uma definição a priori dada por Lojikine apud Saboya (2009) sobre diferentes formas de manifestação da segregação urbana, a qual pode ser classificada em três tipos fundamentais:

- a) Centro e Periferia;
- b) Áreas ocupadas por classes populares e áreas ocupadas por classes abastadas;
- c) Áreas segregadas de acordo com funções urbanas, como moradia, indústria, comércio, entre outras.

As três formas de segregação urbana identificadas por Lojikine são válidas para entender as diferentes faces do modo desigual a partir do qual se desenvolve o espaço urbano nas grandes cidades. No Rio de Janeiro, esse tema encontra um extenso debate, sobretudo com relação às duas primeiras formas.

O centro das grandes cidades assume características marcantes de ocupação do seu espaço urbano que denunciam sua posição enquanto centro. Nele, se concentra um intenso fluxo de pessoas, capitais e informação, determinado pela dinâmica de produção capitalista. É o polo globalizado da cidade, cosmopolita, diverso. Politicamente, é o local que abriga a sede do poder e importantes órgãos estatais. Historicamente, marca o pioneirismo da ocupação da cidade e a centralidade que ocupa na decisão dos seus rumos e na dinâmica do seu espaço urbano. Ideologicamente, o centro representa a modernidade, o avanço. Paisagisticamente, o centro é característico pela presença de altos edifícios, importantes monumentos, trânsito intenso, infraestrutura de alto porte, predominância de imóveis não residenciais etc.

E o que não é centro? Se pensarmos na dualidade proposta por Lojikine no item A, a resposta é certa, sem meio-termo: o que não é centro é periferia. Afinal, para o lugar que determina os fluxos de pessoas, capitais e informação, há o lugar cuja dinâmica é em grande medida determinada por eles. Para o lugar que coordena a cidade politicamente, há o lugar que é coordenado sob tal forma. Para o lugar que marca a modernidade, há o que marca o atraso, o retrocesso, a tradição. Para o lugar em que há destaque para o global, há espaço para aquele em que se destacam as peculiaridades. Para o lugar que marca centralidade, há aquele que está voltado para ela, que se articula em torno dela.

Dito isto, podemos expandir nossa visão sobre os conceitos de centro e periferia deixando-os de lado enquanto conceitos mortos e bem demarcados espacialmente e tomando-os como vivos e até mesmo imprecisos de certo modo. Agora, dentro da dinâmica da cidade, vamos pensar em que medida a Zona Sul e o Subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro podem assumir papéis, respectivamente, de centro e periferia. Assim, em que medida uma região assume papel central em relação à outra, de acordo com suas diferentes e complementares posições dentro da dinâmica econômica, das atenções políticas, das distinções culturais, étnicas e paisagísticas e da oferta de serviços e infraestrutura.

Aqui, entretanto, fazemos uma pausa para colocar em debate um segundo aspecto da segregação urbana, segundo Lojikine, alocado no item B: a divisão da cidade segundo áreas em que predomina a moradia de classes abastadas em contraposição às áreas em que residem classes mais populares. Segundo este parâmetro, mais do que a participação da Zona Sul e do Subúrbio na dinâmica do espaço urbano da cidade, esta concepção leva em conta aquilo que está fixo a cada região separadamente: o perfil econômico dos seus moradores. Reconhecidamente, os bairros da Zona Sul costumam ser os que concentram as parcelas mais abastadas da população carioca. Em contraposição, o subúrbio, resguardada sua heterogeneidade, dá lugar a uma população de poder aquisitivo mais baixo.

Mas como justificar de modo essencialmente espacial uma segregação urbana segundo renda? Apresento a seguir uma contribuição do urbanista Flávio Villaça. Segundo ele, as elites tendem a se concentrar numa área concisa da cidade, e não se dispersarem aleatoriamente ao longo de toda a cidade

[...] os bairros das camadas de mais alta renda tendem a se segregar (os próprios bairros) numa mesma região geral da cidade, e não a se espalhar aleatoriamente por toda a cidade. [...] Se o principal móvel da segregação fosse a busca de posição social, do status, da proteção dos valores imobiliários, ou proximidade a 'iguais', bastaria haver a segregação por bairro [...]; uns ao norte, outros a oeste, outros a leste e outros ainda ao sul da metrópole. Isso não ocorre, porém. (VILLAÇA apud Saboya, 2009).

Villaça ainda situa esse processo temporalmente, em dois estágios fundamentais: num primeiro estágio, as elites se formariam essencialmente na área central das cidades, onde poderiam dispor de infraestrutura e serviços de maior porte. Contudo, num segundo estágio, à medida que o “sistema urbano vai se desenvolvendo”, essas elites tendem a formar subcentros, mais independentes da área central da cidade, que são gradualmente equipados com uma série de serviços amplos e especializados e infraestrutura adequada para atender essa população mais abastada.

No Rio de Janeiro, esses subcentros podem ser analogamente comparados à Zona Sul, que ocupa tradicionalmente na história carioca um papel de recanto das elites, e, mais recentemente, à Barra da Tijuca, que, apesar de se situar na Zona Oeste da cidade, identifica-se econômica e paisagisticamente com a Zona Sul da cidade. Tais subcentros, hoje, são dotados de aparato tecnológico e infraestrutura urbana que reduzem ao mínimo a dependência de seus moradores a outras partes da cidade.

Renato Saboya (2009) enxerga intrinsecamente ao processo de formação desses subcentros (que surgem segundo o que se chama de segregação voluntária, ou de acordo com as possibilidades e os anseios dessas elites), uma gradual e progressiva formação de áreas segregadas de maneira oposta, segundo uma segregação em geral involuntária, ou forçada, na qual as camadas mais pobres são empurradas para áreas periféricas da cidade, desprovidas do aparato de que desfrutam as elites nos subcentros. Na visão do autor, é ainda central a ideia de que este processo obedece à lógica de localização das camadas de mais alta renda da cidade:

[As elites] procuram se localizar em áreas com boa acessibilidade ao centro principal e, ao fazê-lo, pioram a acessibilidade das outras áreas. Com o deslocamento progressivo dos serviços e equipamentos urbanos na direção das áreas de mais alta renda, a localização das outras classes vai se tornando progressivamente (relativamente) pior. (SABOYA, 2009)

Não bastassem as implicações que já podemos inferir em relação ao Rio de Janeiro quanto a esse processo, podemos tomar aqui também um importante estudo de Edmond Preteceille e Luiz César de Queiroz Ribeiro (1999) que usa a própria cidade como pano de fundo para debater a segregação sócio-espacial urbana. Analisando as “Tendências da segregação social em metrópoles globais e desiguais: Paris e Rio de Janeiro nos anos 80”, os autores chegam a conclusões valiosas para entender uma segregação segundo a dicotomia proposta por esta monografia.

Lidar com cidades como Rio e Paris, que ao mesmo tempo refletem um contexto de consolidação do espaço urbano similar enquanto cidades globais e desiguais mas que também

apresentam fortes marcas locais segundo a posição que ocupam na ordem capitalista mundial (periférica no caso brasileiro e central no caso francês), requer uma análise meticulosa da diversidade das relações sociais estabelecidas no espaço urbano das duas cidades, evitando cair em generalizações indevidas. É devido a isso que, logo no início do estudo, os autores atentam para a importância de não se pensar numa segregação social urbana segundo uma mera contradição de pólos extremos, sem levar em conta o peso que as “classes médias” ocupam na relativização e na complexização da organização social e espacial de cada cidade. Igualmente, nesta monografia, não é prudente contrapor a Zona Sul e o Subúrbio da Cidade extraíndo-se deles o expoente máximo de seus antagonismos, ignorando suas aproximações, por vezes traduzidas em classes médias, presentes em ambos.

Feita esta ressalva, vamos entender um pouco da metodologia empregada por Preteceille e Ribeiro no seu estudo (1999): a população das duas cidades em questão foi dividida de acordo com as categorias profissionais (ou ocupações) em que seus membros estão inseridos. O procedimento em seguida foi comparar a participação dos segmentos profissionais na população de cada cidade e problematizar sua disposição territorial. Os resultados mais imediatos apontavam para uma nítida precarização das relações de trabalho no Rio, nas quais predominavam em diversas circunstâncias a heterogeneidade de segmentos profissionais parecidos e a forte presença de trabalho autônomo..

Para esta monografia, entretanto, um resultado chama maior atenção: comparando-se a evolução das categorias profissionais nas duas cidades, os autores perceberam no Rio um crescimento simultâneo da participação da população nos segmentos profissionais ditos “superiores” e das categorias menos qualificadas ou “inferiores”, o que aponta para uma provável quadro dualização da população carioca, concentrada cada vez mais em pólos extremos da hierarquia social.

A partir daí, os autores chegam ao ponto que mais nos interessa: a distribuição espacial dessa dualização, ou a divisão social do espaço nas duas metrópoles. No Rio de Janeiro, a característica fundamental desse processo se evidenciou na constatação de que as “categorias superiores” se concentram em “localizações residenciais comparativamente exclusivas” (PRETECEILLE; RIBEIRO, 1999). Mais ainda, as localizações residenciais dessas elites encontram-se mais agrupadas e homogêneas no caso carioca:

A segunda diferença entre Paris e Rio decorre da concentração das categorias superiores nestes tipos. [...] percebemos que as categorias superiores são muito mais agrupadas espacialmente no Rio, já que nos tipos superiores<sup>9</sup> moram mais de 79% dos empresários, 89% dos profissionais liberais e cerca de 66% das outras categorias superiores. (PRETECEILLE; RIBEIRO, 1999)

---

<sup>9</sup> Entende-se por “tipos superiores” áreas da cidade que concentram elites.

O caráter da segregação sócio-espacial urbana no Rio de Janeiro chega a tal ponto que os autores inferem que, diferentemente do caso parisiense, a cidade não apresenta o que chamam de “mistura social” bem equilibrada, reforçando que as barreiras que separam as classes sociais na cidade brasileira parecem ainda bem demarcadas social e espacialmente.

O papel da Zona Sul e do Subúrbio enquanto áreas da cidade que demarcam bem essa segregação parece bastante razoável a partir do seguinte fragmento:

Já a concentração geográfica dos espaços superiores do Rio de Janeiro decorre de um modo [...] de valorização, que atribui todo o valor social e simbólico ao núcleo metropolitano formado pela área litorânea e seu entorno próximo e, ao mesmo tempo, deprecia de forma quase absoluta os espaços periféricos, pela ausência e precariedade dos serviços urbanos e da moradia. (PRETECEILLE; RIBEIRO, 1999)

Os autores ainda buscam as relevantes marcas históricas que acompanham esse progressivo distanciamento social entre a região litorânea (representada pela Zona Sul) e a região periférica (representada pelo Subúrbio) da cidade. Este processo, segundo eles, teria raízes, ao mesmo tempo:

- a) numa segregação forçada, ou involuntária, cujo expoente histórico nos remete às décadas de 60 a 80, em que houve um profundo movimento de “construção de grandes conjuntos habitacionais de periferia, que atuaram na direção de remover dos espaços superiores as classes populares”. Um exemplo clássico nos remonta à demolição da Favela da Praia Pinto, localizada então no Leblon, em meados do século XX e à subsequente transferência de seus moradores para o conjunto habitacional Cidade Alta, no bairro de Cordovil, Subúrbio da cidade. Até hoje permanecem obscuros os verdadeiros motivos que causaram o incêndio que acabou por expulsar de vez da favela os moradores que de lá relutavam em sair: fatalidade ou intencionalidade do governo?
- b) numa segregação voluntária, ou autosegregação das elites que, por si mesmas, criam uma lógica de ocupação em que algumas áreas da cidade, que são fortemente caracterizadas pela mão do Estado na configuração do seu equipamento urbano privilegiado e nas quais predomina um tipo de moradia característico (os luxuosos condomínios fechados), podem ter sua valorização elevada a níveis exorbitantes. No Rio, a Zona Sul e a Barra da Tijuca, mais recentemente, caracterizam tais áreas.

Os dois movimentos, na história recente da cidade do Rio se complementam, cada qual desmentindo a existência única do outro e ambos caminhando para o mesmo sentido: o de acentuar as desigualdades sociais das grandes cidades no âmbito espacial.

Quanto ao item A, entre os dois itens aos quais acabo de me referir, há uma questão central na discussão de segregação sócio-espacial urbana aplicada ao Rio de Janeiro: o papel da favela. Este é um tema delicado de se tratar, mas importante no sentido de esclarecer os impedimentos que se opõem à dicotomia Zona Sul/Subúrbio na cidade.

Visto que o processo caracterizado em A não foi levado a cabo até o fim, temos na realidade uma Zona Sul segregada internamente, num espaço onde coexistem áreas nobres, profundamente identificadas com as características das áreas autosssegadas (condomínios fechados, alta valorização imobiliária, boa infraestrutura etc.) e áreas favelizadas, onde as condições de habitação e de aparelhagem das redes urbanas são precárias. Nesse sentido, as próprias favelas da Zona Sul se aproximariam das características econômicas presentes nas áreas periféricas da cidade.

Igualmente, também no Subúrbio da cidade haveria uma segregação interna, onde estariam polarizadas áreas que concentram um maior número de serviços, renda e infraestrutura urbana, ainda que precários na maior parte das vezes, e áreas favelizadas, onde tal precariedade atinge seu expoente máximo.

Este quadro que acabo de traçar nos dois últimos parágrafos demarca uma forma fundamental de segregação sócio-espacial urbana na cidade do Rio de Janeiro: ou seja, no seu aspecto essencialmente social. Esta forma de segregação, baseada na clássica oposição Favela/Asfalto, tão presente na Zona Sul quanto no Subúrbio, é provavelmente a mais trabalhada pelos estudiosos do fenômeno da segregação urbana na cidade do Rio. Entretanto, aceitando esta forma como única ou mesmo soberana nas relações sociais do cotidiano carioca, teríamos o nosso olhar sobre a dicotomia Zona Sul/Subúrbio enquanto espaços segregados um tanto limitado.

A proposta desta monografia, nesse sentido, é insistir na tese de que a Zona Sul e o Subúrbio da Zona Norte da cidade podem, sim, se configurar mutuamente como espaços segregados um do outro. Para isso, é necessário explorar uma segunda forma de segregação sócio-espacial urbana na cidade do Rio de Janeiro: ou seja, no seu aspecto espacial generalizado. É a partir daí que podemos nos reservar ao direito de enxergar entre as duas regiões da cidade pontos gerais que ainda hoje corroboram com a oposição que elas construíram para si física e ideologicamente. Para tanto, é importante lembrar a importância do conceito de Lugar, que me lancei na tentativa de esmiuçar na introdução deste trabalho,

como ponto de partida fundamental para este estudo. Tratados como Lugares, a Zona Sul e o Subúrbio podem, sim, definitivamente, assumir papéis antagônicos segundo o que se apresentaram para nós, ao longo da estruturação do espaço urbano carioca, sob aspectos econômicos, políticos, culturais, paisagísticos e dinâmicos significativamente distintos.

Felizmente, este trabalho não está sozinho na tentativa de reafirmar a dicotomia Zona Sul/Subúrbio mesmo diante da coexistência da oposição Favela/Asfalto na cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, é possível pensar numa espécie de “hierarquia” territorial na cidade do Rio de Janeiro em que a oposição Favela/Asfalto, longe de ser falsa, está inserida dentro de uma oposição maior: Zona Sul/Subúrbio. Isto é claramente denotado no estudo de Preteceille e Ribeiro no seguinte trecho:

O perfil sócio-ocupacional dessas favelas (as que restam na Zona Sul mesmo após as políticas de remoção citadas anteriormente) é, na média, bem próximo do verificado nas áreas periféricas – embora com particularidades entre favelas –, o que caracteriza a situação de proximidade geográfica e distância social com os bairros superiores. (PRETECEILLE; RIBEIRO, 1999)

Proximidade geográfica e distância social com os bairros superiores: eis aí uma questão perfeitamente cabível para se problematizar até que ponto a Favela da Rocinha, em São Conrado (na Zona Sul), e o Morro da Serrinha, em Madureira (Subúrbio da Zona Norte) guardam entre si semelhanças enquanto Lugar Favela que são, mas se inserem em contextos próprios capazes de identificá-los rapidamente como Lugar Zona Sul e Lugar Subúrbio que são, respectivamente.

Para ser mais preciso, ainda que sejam duas favelas, certamente a dinâmica de vida seus moradores, a consciência de moradia que seus moradores desenvolvem, sua visibilidade econômica e as atenções que o poder público volta para elas, sofrerão sensíveis distinções enquanto Lugares Zona Sul e Subúrbio que são. Desta tese, compartilham de maneira ainda mais aberta, as autoras do estudo “‘Tu mora onde’? Território e produção de subjetividade no espaço urbano carioca”, Fátima Cecchetto e Patrícia Farias. Dizem elas:

No entanto, é preciso frisar que morar em favela não significa sempre a mesma coisa; assim, na visão de um morador do morro do Pavão-Pavãozinho, em Ipanema/Copacabana, por exemplo, ele “moraria melhor” que um morador da favela do subúrbio de Vigário Geral, pois de alguma forma ele se sentiria partícipe do polo Zona Sul e portanto da modernidade a ele referida. Assim também se poderia entender a rejeição de um habitante da favela do Chapéu-Mangueira, no Leme, ao subúrbio do Méier, segundo ele um lugar longínquo e perigoso, que não se sente atraído a freqüentar, pois esta localidade está identificada com o outro polo, ou seja, o da Zona Norte, menos valorizada no mapa geral da cidade. (CECCHETTO; FARIAS, 2009, p. 223)

Ainda com relação à ideia de hierarquia territorial que existe na subjetividade carioca, as autoras percebem um sistema metucioso de divisão e subdivisão da cidade em bairros que

expressariam a qualidade de “melhores” ou “piores” uns em relação aos outros. A centralidade da segregação espacial no Rio de Janeiro, para Carneiro e Santana (2009), parece indicar que a localização do bairro em que se mora é entendida na cidade como uma variável capaz de fornecer “informações discriminadas e discriminadoras” sobre renda, estilos de vida, comportamento, visões de mundo etc. ou, em resumo, associar local de moradia a estrato social de forma indissociável.

Dentro do polo Sul da cidade, haveria uma hierarquia interna onde no topo, ao lado da Barra da Tijuca, estariam bairros da Zona Sul como Ipanema, Copacabana, Leblon, São Conrado e Leme. Mais abaixo, Gávea e Jardim Botânico. Logo após Humaitá, Botafogo e Flamengo. E, na parte inferior desse polo, Catete e Glória. No polo norte, encabeçariam os bairros da Grande Tijuca (que aqui fogem à denominação Subúrbio) e da Ilha do Governador, seguidos pelos bairros propriamente suburbanos, que seriam “melhores” uns em relação aos outros conforme mais próximos estivessem do Centro da cidade.

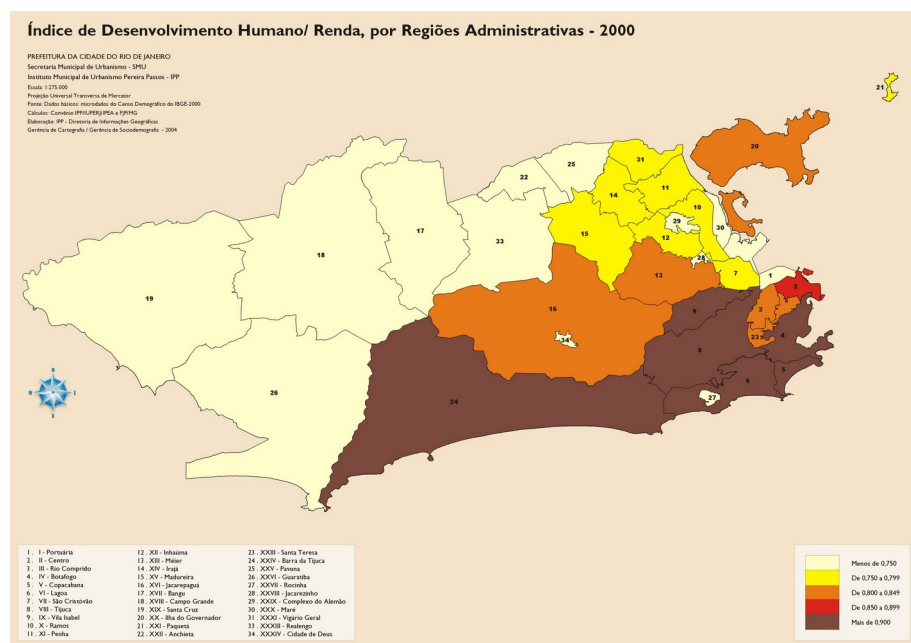
Obviamente, esse sistema meticuloso de hierarquias internas não é tão preciso quanto parece, muito menos inquestionável. São válidos, porém, para nos dar uma ideia palpável de como a segregação urbana age subjetivamente, criando hierarquias territoriais de três formas básicas na cidade do Rio:

- a) Opondo a Zona Sul (polo sul) e o Subúrbio (polo norte), que é a forma de hierarquia básica tomada neste estudo
- b) Opondo Asfalto e Favela, como um tipo de dualidade igualmente fundamental no espaço urbano carioca, porém inserida numa dualidade maior, a do item A.
- c) Dividindo internamente a Zona Sul e o Subúrbio da cidade segundo um sistema hierárquico em que bairros são tidos como “melhores” e “piores” uns em relação aos outros.

Neste debate a respeito da segregação sócio-espacial urbana, fomos apresentados às suas características gerais, vimos o papel do Estado nesse fenômeno, os diferentes tipos de segregação e o modo como se aplicam ao espaço urbano carioca, esclarecemos em que medida o conceito pode ser aplicado à dicotomia Zona Sul/Subúrbio e como se desdobra dessa segregação uma “hierarquia” subjetiva dos bairros cariocas. Agora, abordaremos de forma mais pontual e concreta quais as diferenças específicas geradas por esse processo nas duas regiões polarizadas nesta monografia.

### 2.3 PERCEBENDO DIFERENÇAS

O debate conduzido sobre segregação socio-espacial urbana aplicado à realidade do espaço urbano carioca nos permite, agora, pontuar mais especificamente aspectos que evidenciam as diferenças entre a Zona Sul e o Subúrbio carioca e reforçam esta dicotomia a nível físico. Para começar, há diferenças socioeconômicas entre a Zona Sul e o Subúrbio do Rio de Janeiro. Não se quer dizer com isso que existe um muro bem demarcado no espaço urbano da cidade que separe a população de baixa renda da população de alta renda. No entanto, a segregação socio-espacial urbana opera de modo a reforçar especialmente as diferenças de renda entre a Zona Sul e o Subúrbio carioca. Para ser mais contundente, apresento um mapa que enfatiza essa desigualdade:



Título:  
índice de

desenvolvimento humano / renda por Regiões Administrativas - 2000  
(INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2000)

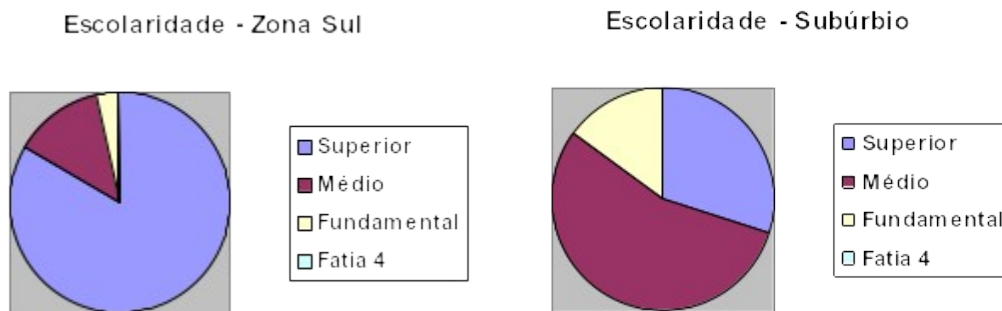
Este mapa nos mostra a distribuição de renda no município do Rio de Janeiro. Nele, é perceptível uma forte concentração de renda no sul da cidade, em especial na Zona Sul, e também uma gradual queda do nível de renda quando se vai em direção ao norte e ao oeste da cidade, na região que engloba o Subúrbio.

A renda mensal média na casa de suburbanos e de moradores da Zona Sul foi uma variável explorada pelas entrevistas realizadas em prol desta monografia. Na Zona Sul, a renda média declarada por 25 entrevistados foi de R\$ 6.744,00 (seis mil, setecentos e quarenta e quatro reais). Ao passo de que, no Subúrbio, entre 38 pessoas<sup>10</sup>, esse valor foi de R\$

<sup>10</sup> Alguns entrevistados (somados das duas regiões) não quiseram ou não sabiam responder ou alegaram ter renda bastante instável.

1.995,79 (mil, novecentos e noventa e cinco reais e setenta e nove centavos), cerca de 3,4 vezes menor.

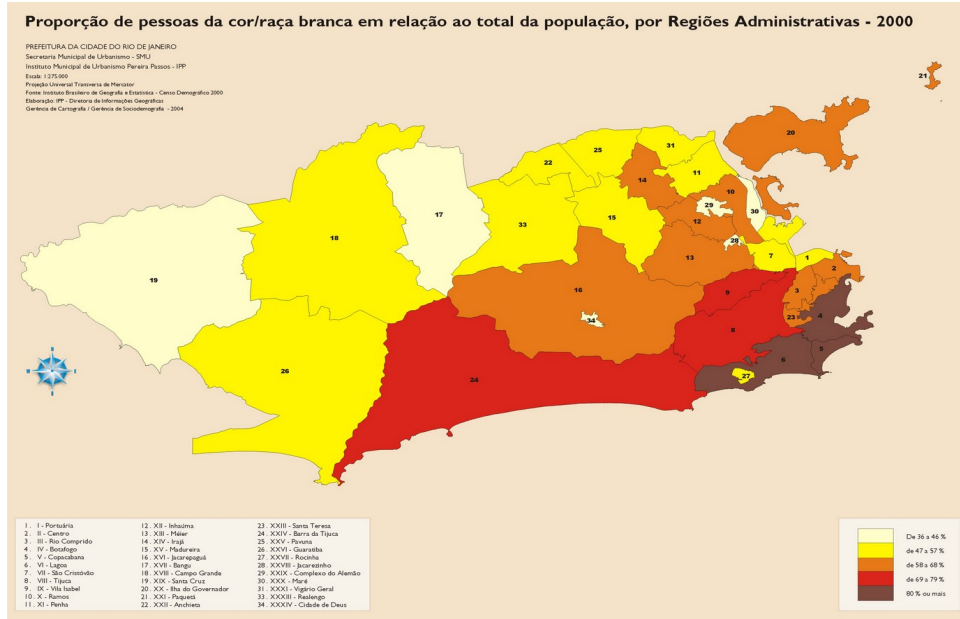
O grau de escolaridade também foi perguntado. Seguem-se nos gráficos os resultados: os entrevistados da Zona Sul que possuem ensino superior na sua formação (a partir de graduação incompleta) constituem 83,3% do total, contraposto aos 30% respectivos do Subúrbio. Os que chegaram a alguma série do ensino médio são 13% dos entrevistados da Zona Sul, enquanto no Subúrbio representam 55% do total. Os que não chegaram ao ensino médio, na Zona Sul, representam 3,3% do total e, no Subúrbio, 15%.



Título: Gráficos de escolaridade

Elaborado pelo autor

Ainda é possível perceber diferenças entre a Zona Sul e o Subúrbio da cidade de acordo com seu perfil étnico. Como foi falado na Introdução, não dá para se falar em composição étnica diversificada e miscigenada se não se problematizar as origens e a reprodução das desigualdades entre os grupos étnicos. Sabe-se que, historicamente no Brasil, a distribuição de renda esteve concentrada nas mãos de brancos. Os reflexos disso, em maior ou menor grau, são que ainda hoje nas áreas mais precárias da cidade a proporção de população negra é maior. Essa concentração também pode ser vista no Subúrbio e se torna mais evidente ainda nos espaços mais segregados, como as favelas. Ao mesmo tempo, na Zona Sul, resguardadas as favelas, é possível ver uma concentração bem maior de população branca, de maior poder aquisitivo. O mapa a seguir não nos deixa mentir:

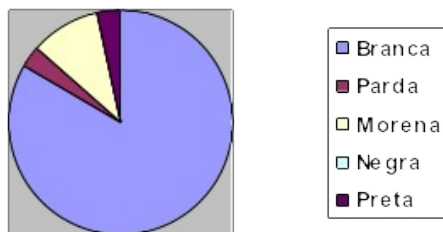


Título: Proporção de pessoas da cor / raça branca em relação ao total da população, por Regiões Administrativas - 2000  
(INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2000)

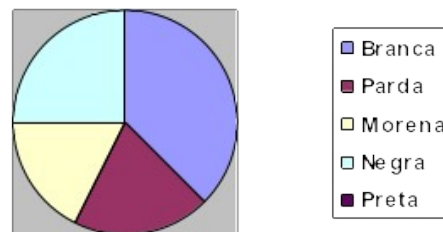
A partir dele, é possível notar que, enquanto a proporção de brancos em toda a Zona Sul, com exceção da Rocinha, é sempre superior a 80%, nas regiões administrativas consideradas subúrbios, esse contingente nunca é superior a 68%.

Entre os entrevistados desta monografia, a cor dos entrevistados seguiu tendência parecida. Dos da Zona Sul, 83,3% se autodeclararam brancos e 10% se consideram morenos. Um entrevistado (3,3%) se disse preto e outro (3,3%) se autodeclarou pardo. Entre os entrevistados no Subúrbio da Zona Norte, os autodeclarados brancos somam 37,5% do total; pardos, 20%; morenos, 17,5%; e negros, 25,0%.

Cor autodeclarada - Zona Sul



Cor autodeclarada - Subúrbio



Título: Gráficos de Cor Autodeclarada  
Elaborado pelo autor

Uma jovem moradora de São Conrado, na Zona Sul, quando perguntada sobre a possibilidade de se enxergar diferenças entre moradores da Zona Sul e do Subúrbio, chegou a apontar a cor de pele. Para ela, no Subúrbio, haveria mais pessoas de cor “preta”.

Os dados apresentados nos mostram uma primeira faceta marcante da segregação urbana no Rio, onde a Zona Sul e o Subúrbio parecem ter perfis socioeconômicos bastante distinguíveis.

Quando se fala na dicotomia tratada nesta monografia, a importância dos agentes políticos no espaço urbano segregado não adquire menor importância. Parece claro através dos estudos pesquisados e das entrevistas realizadas que o Estado tem papel fundamental na diferenciação entre o espaço na Zona Sul e no Subúrbio carioca. Este papel se expressa sobretudo na oferta de políticas públicas destinada às regiões. Aqui, é possível notar um forte aspecto da segregação urbana: o papel do Estado enquanto provedor de infraestrutura urbana adequada. Na Zona Sul, fica evidente um cuidado mais zeloso da aparelhagem urbana: no funcionamento das redes técnicas (fornecimento de água, luz, tratamento de esgoto), na concentração de transporte viário, na qualidade da sinalização e das placas de trânsito, na fiscalização de irregularidades, no policiamento, na limpeza urbana, na conservação das ruas, na providência de consertos, na construção de espaços mais sofisticados de lazer e cultura, entre outros.

A atenção dada pelo governo à Zona Sul foi muitas vezes mencionada pelos entrevistados desta monografia, tanto nesta região quanto no Subúrbio. Ambos concordam que o Estado se faz mais presente na Zona Sul, providenciando reparos e instalando suportes técnicos e aparelhagem urbana de forma mais eficiente e completa. Configura-se, portanto, como uma região privilegiada, enquanto que o Subúrbio seria uma região esquecida e abandonada.

O que se desdobra disso, para Domingues (1994-1995, p. 8-10), é que o Subúrbio, enquanto “espaço político e de participação cívica” tem sua existência precarizada. O autor tem em mente que a expansão dos subúrbios leva a um descompasso entre a dinâmica urbana e os “ajustamentos político-administrativos e institucionais” da cidade. Isto levaria a um enfraquecimento da cidadania dos suburbanos. Estas pessoas perderiam sua participação política na cidade, tendo seus direitos e deveres enfraquecidos, ao passo de que o Estado, não direciona seus investimentos para reverter essa situação.

Um exemplo claro desse enfraquecimento da cidadania dos suburbanos é o pagamento de impostos. No Subúrbio, as condições de moradia, mais simples ou até mesmo precárias, tornam o valor dos imóveis mais barato. Logo, o IPTU (Imposto sobre a Propriedade Predial e

Territorial Urbana) recolhido no Subúrbio tende a ser inferior ao recolhido na Zona Sul. Do mesmo modo, o poder aquisitivo dos moradores da Zona Sul costuma levá-los a contribuir com uma arrecadação de outros impostos superior à do Subúrbio. O que decorre disso é que a Zona Sul, que contribui mais, também pode usufruir de maiores retornos da sua tributação. Contudo, o que é aparentemente legítimo, só ajuda a agravar as desigualdades no espaço urbano carioca. Vê-se aí uma curiosa contradição do espaço urbano: sua capacidade de reproduzir as desigualdades nele presentes.

A paisagem geográfica é outro elemento que nos ajuda a perceber diferenças entre as duas regiões. Sobretudo porque esta é a expressão visual mais evidente do espaço urbano e é capaz de denunciar a própria ação do Estado na produção das suas desigualdades. Quando se fala em paisagem, vale resgatar um importante conceito. Na paisagem convivem elementos naturais e humanos. As ações humanas intervêm sobre os elementos naturais, entretanto, também os elementos naturais direcionam as ações humanas sobre determinado lugar.

Para o geógrafo Milton Santos (2004), “a paisagem não tem nada de fixo ou imóvel”. Ela guarda consigo traços do passado, mas incorpora cada vez mais traços de adaptação às novas necessidades da sociedade. Numa sociedade capitalista como a nossa, também as paisagens assumem características antagônicas. A Zona Sul e o Subúrbio, desse modo, ganham aspectos visuais díspares, de acordo com a participação de cada região no processo de acumulação de capital. Na Zona Sul, a predominância de imóveis mais altos e mais modernos, aparelhagem urbana mais conservada. No Subúrbio, predominância de imóveis baixos, mais antigos e mais deteriorados, assim como a aparelhagem urbana de modo geral.

É indispensável frisar que a lógica de valorização das duas regiões é mais do que determinada pelos elementos humanos da paisagem. A praia, enquanto elemento natural da paisagem, figura como fator essencial na diferenciação entre as regiões. Sua presença na Zona Sul e ausência no Subúrbio ajuda a explicar em boa medida o modelo vigente de valorização do espaço urbano carioca, guiando também a distribuição dos elementos humanos da paisagem. O elemento natural “praia” é decisivo nessa dualidade. Sua presença na Zona Sul agrega valor ao lugar, torna-o cobiçado, ostentado. Mais ainda, alça a região ao posto de cartão-postal da cidade, símbolo do Rio de Janeiro no Brasil e no mundo. Nesse processo, a Zona Sul passa a concentrar camadas de mais alta renda, ao mesmo tempo que empurra as camadas menos privilegiadas economicamente para as regiões periféricas da cidade.

## 2.4 DIFERENÇAS INTERNAS

Assim como a polarização Favela/Asfalto, as diferenças internas na Zona Sul e no Subúrbio nos ajudam a relativizar a existência pura da dicotomia protagonizada entre as duas regiões no espaço urbano carioca. Embora seja objetivo desta monografia reafirmar esta dicotomia, é possível falar-se brevemente de diferenças internas que desmistificam a homogeneidade tida das duas regiões. Enquanto lugares que são, a Zona Sul e o Subúrbio possuem, sim, aspectos físicos e significados subjetivos bem distintos, mais isso não tira dessas regiões sua heterogeneidade.

Dentro do Subúrbio, é constatável que a região que abriga o bairro do Méier e bairros vizinhos como Cachambi, Todos os Santos, Engenho de Dentro e Engenho Novo (o chamado Grande Méier) atrai para si uma valorização maior. Nesta região, o mercado imobiliário tem se consolidado nos últimos anos, tornando seu aspecto visual tomado por uma concentração maior de prédios do que de outras áreas do Subúrbio. Além do contraste visual, a região do Méier também concentra oferta de serviços e opções de lazer maior. O apelidado “Baixo Méier” traduz um pouco dessa vocação. A Vila da Penha também é outro bairro que tem presenciado crescimento e valorização imobiliária, tendo seu aspecto urbanístico progressivamente reconfigurado.

As interações internas no Subúrbio também se respaldam por tais diferenças. No Méier, onde se encontra comércio e instituições de ensino diversificados, é comum a presença de um significativo fluxo de pessoas de regiões mais distantes do Subúrbio e até da Baixada Fluminense, que trabalham, estudam ou procuram comércio e outros serviços no bairro.

Nos bairros mais distantes do centro, as condições precárias ficam mais evidentes, em bairros como Barros Filho, Costa Barros, Acari, Coelho Neto, Pavuna, Guadalupe, Parada de Lucas e Vigário Geral. No Subúrbio da Zona Norte ainda há espaço para bairros com potencial para o comércio bastante reconhecido como Madureira, mas não se pode deixar de frisar seu aspecto essencialmente popular e sua defasagem no que concerne à infraestrutura urbana.

Dentro da Zona Sul, há diferenças, sobretudo, entre os bairros localizados mais afastados do centro (São Conrado, Leblon, Ipanema, Gávea, Jardim Botânico e Lagoa) e os bairros mais próximos deste (Catete, Glória, Laranjeiras e Flamengo). Nenhum destes, contudo, chega a ser um bairro precário. Ao contrário, são valorizados pela boa localização e ocupados por imóveis de alto porte (entenda-se por isso imóveis mais altos e mais modernos). No primeiro conjunto de bairros, os mais afastados do Centro, cujo expoente máximo é o

Leblon, essa valorização atinge seu ápice, fazendo ser consideravelmente caro morar na região. No segundo conjunto, as características urbanísticas mais semelhantes a certas partes do centro da cidade, que incluem uma ocupação imobiliária mais antiga e de menor porte, tem sua valorização um pouco diminuída. Viver nessa região é um pouco menos caro, mas para os padrões da classe média suburbana, em geral, essa possibilidade não se mostra muito acessível.

Os preconceitos internos, ainda que de importância e dimensão menores do que os existentes entre as duas regiões, também existem e isso não deixou de ser citado nas entrevistas realizadas. Aqui, entretanto, assumem pouca significância diante do tema central e não serão esmiuçados.

### 3 INTERAÇÕES

Entendido em que medida podem ser expressas diferenças entre a Zona Sul e o Subúrbio da cidade, podemos refletir em que medida os moradores dessas regiões interagem. Este capítulo é uma importante ponte entre o capítulo anterior e o seguinte, à medida que o contato entre moradores da Zona Sul e do Subúrbio:

- a) (segundo o lugar onde ocorrem, as relações econômicas e de trabalho que evidenciam etc.) pode, em certa medida, se respaldar pelas diferenças encontradas entre as duas regiões;
- b) E pode apresentar-se como causa ou efeitos dos preconceitos gerados entre moradores dessas regiões.

Para entender as interações entre os cariocas e o espaço urbano da cidade, há que se apresentar um primeiro conceito, de forte aplicação à dinâmica do Rio de Janeiro: o conceito sociológico de “distância”. Domingues nos fala:

A “distância” ao centro é [...] uma distância sociológica a um centro, sendo este definido pela diversidade e pela densidade das relações sociais, pela intensidade da vida cívica, pelo acesso à informação, pela aglomeração de recursos culturais, políticos, econômicos. Essa distância é, por isso, definida por um afastamento real e simbólico a um “efeito urbano”. (DOMINGUES, 1994-1995, p. 7)

Dito isto, podemos acrescentar outro significado social ao lugar Subúrbio: trata-se de um lugar “distante”, onde “efeitos urbanos” são reduzidos ou mais precários. Carneiro (2009, p. 7) corrobora essa visão, ao dizer que o Rio de Janeiro “se organiza segundo uma lógica sustentada por um sistema de proximidades e distâncias”. Este conceito é importante para entendermos o que provoca, em certa medida, o deslocamento de moradores do Subúrbio para a Zona Sul e, ou não, vice-versa.

Se pensarmos numa segregação urbana do tipo centro x periferia em que a Zona Sul e o Subúrbio ocupam estes papéis respectivamente, como foi debatido no capítulo anterior, será possível entender melhor quais fatores, em geral, determinam os fluxos no espaço urbano carioca relativizando:

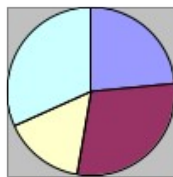
- a) com que frequência esses fluxos se dão;
- b) em que sentido esses fluxos se dão;
- c) os dispositivos físicos, afetivos e subjetivos que incrementam ou inibem estes fluxos.

O resultado mais imediato das entrevistas aplicadas em prol desta monografia aponta para o fato de que os moradores do Subúrbio vão muito mais à Zona Sul do que o contrário. Perguntei, no Subúrbio, com que frequência os entrevistados iam à Zona Sul e, na Zona Sul, com que frequência os entrevistados iam ao Subúrbio. As respostas foram separadas em quatro grupos:

- Grupo 1: respostas do tipo “Todo dia”, “Sempre”, “Bastante” e “Muito”;
- Grupo 2: respostas do tipo “Regularmente”, “1 ou 2 vezes na semana” e “1 ou 2 vezes no mês”;
- Grupo 3: respostas do tipo “Às vezes”, “Eventualmente” e “Não muito”;
- Grupo 4: respostas do tipo “Pouco”, “Muito difícil”, “Nunca” e “Raramente”.

A seguir, os resultados:

Com que frequência o morador do Subúrbio vai à Zona Sul?



Com que frequência o morador da Zona Sul vai ao Subúrbio?



Título: Gráficos de Frequência

Elaborado pelo autor

Nosso próximo passo é entender como se dá esse fenômeno em diferentes tipos de situações e os possíveis motivos para tal.

### 3.1 RELAÇÕES DE TRABALHO

A grande maioria dos entrevistados do Subúrbio trabalha no próprio Subúrbio, o que provavelmente se deve ao fato das entrevistas terem sido feitas em bairros “pólos”, onde a chance de encontrar trabalhadores do local era maior. Ainda assim, entrevistando moradores do Subúrbio, perguntei a eles o que geralmente os fazia se deslocar para a Zona Sul e a segunda resposta mais dada (por 9 entrevistados) foi “trabalho”, só perdendo para “ir à praia” (resposta dada por 18 entrevistados).

A presença do suburbano na Zona Sul, enquanto trabalhador, é enxergada pelos próprios moradores da Zona Sul. Perguntei a estes o que achavam que um morador do Subúrbio costumava vir fazer na Zona Sul. “Trabalhar” foi a terceira resposta mais dada (por

10 entrevistados), perdendo apenas para “ir à praia” (15 entrevistados) e “formas de diversão, passeio e lazer em geral” (11 entrevistados). Entre os que responderam “trabalho”, um ou outro o relacionaram especificamente a algum tipo de trabalho “humilde”: foi o caso de um morador do Leblon, que disse perceber diferenças entre um morador do Subúrbio e outro da Zona Sul porque o primeiro, no trabalho, é “mais humilde na roupa”, ou no uniforme.

Vimos que, no geral, um morador da Zona Sul vai muito pouco ao Subúrbio. Os que vão, com alguma frequência, apresentaram “trabalho” como o segundo maior motivo (5 entrevistados), perdendo apenas para “visitar parentes” (6 entrevistados) e para aqueles que disseram não fazer nada no Subúrbio (13 entrevistados).

A presença do morador da Zona Sul no Subúrbio costuma ser pouco notada pelos suburbanos. Quando perguntei a estes o que imaginavam que um morador da Zona Sul poderia vir fazer no Subúrbio, muitos ficaram reticentes e pensativos e boa parte foi taxativa, respondendo que “eles não vêm fazer nada”, justificando que geralmente eles encontrariam tudo na Zona Sul ou porque simplesmente não gostariam de vir ao Subúrbio. Entre os que pensaram mais um pouco, “trabalho” foi a segunda resposta mais dada (7 entrevistados), perdendo apenas para “procurar preços baixos” (8 entrevistados). Muitos dos que citaram “trabalho”, curiosamente, fizeram uma ressalva que tais moradores da Zona Sul que trabalhariam no Subúrbio seriam donos de negócio na localidade ou ocupariam cargos renomados. Mais uma vez, portanto, fica evidente uma conotação classista de suburbanos e moradores da Zona Sul, na qual os primeiros seriam “empregados e pobres” e os segundos, “patrões e ricos”.

Com tudo o que foi falado, já é possível ter a ideia de que tanto moradores do Subúrbio trabalham na Zona Sul quanto moradores da Zona Sul trabalham no Subúrbio. As entrevistas, contudo, nos apontam que o primeiro caso é bem mais recorrente e expressa, de modo geral, a demanda que a Zona Sul tem de mão-de-obra enquanto região que ocupa uma posição de “centro” na segregação sócio-espacial urbana no Rio de Janeiro. Do mesmo modo, se pensarmos na dinâmica de trabalho própria do sistema capitalista, onde os lugares e as classes sociais exercem funções complementares economicamente (perspectiva marxista), a diversificação de serviços e a necessidade de mão-de-obra menos qualificada fariam da Zona Sul um importante polo de atração de trabalhadores de regiões mais precárias, como o Subúrbio. Uma moradora do Leblon, quando perguntada sobre um ponto positivo que associa ao Subúrbio, frisou um aspecto funcional da mão-de-obra suburbana: para ela, o Subúrbio representa uma “grande massa de trabalhadores em potencial, gente honesta e batalhadora”.

### 3.2 LAZER E ENTRETENIMENTO

As praias constituem uma dádiva da natureza. As cidades litorâneas são, de fato, privilegiadas e entre seus moradores é difícil achar-se um que não se deleite em passar agradáveis momentos a beira-mar, tomando sol, admirando a beleza e a tranquilidade da orla e se refrescando nas águas do mar. Numa cidade como o Rio de Janeiro, não é de se estranhar que estar na praia seja uma atividade desejada por todos, sejam moradores do Subúrbio ou da Zona Sul. Não à toa, é a atividade que mais determina o fluxo de moradores do Subúrbio para a Zona Sul. Nada menos do que 18 entrevistados do Subúrbio afirmaram que ir à praia é a principal atividade que praticam na Zona Sul.

Apenas quatro entrevistados do Subúrbio responderam ir à Zona Sul por motivos de “lazer, passeio e diversão em geral”, destacando que é a praia a forma essencial de entretenimento desses moradores na Zona Sul. Menos ainda disseram freqüentar a Zona Sul para se interar de opções culturais oferecidas nessa região: na verdade, apenas uma pessoa, que disse freqüentar teatros na Zona Sul.

Isso poderia ser explicado com a justificativa de que essas opções de entretenimento e cultura já seriam encontradas no Subúrbio, mas a realidade parece se opor a esse quadro. Quando perguntados sobre o que achavam que um morador do Subúrbio vinha fazer na Zona Sul, os moradores desta região deram até mais destaque a atividades de passeio, diversão e lazer em geral do que os do Subúrbio. Também apareceram mais nas respostas “atividades culturais” e a “ida a bares e restaurantes”. A explicação para isso foi simples: na Zona Sul esses serviços teriam melhor porte e seriam mais difundidos. Contudo, a distância e as condições financeiras fazem com que continue sendo a praia, absoluta, a principal forma de lazer do suburbano na Zona Sul.

A presença de moradores da Zona Sul no Subúrbio, entretanto, muito pouco se respalda por opções de lazer e entretenimento. Apenas um entrevistado disse freqüentar um shopping no Subúrbio e outro disse fazer compras na localidade. Entre os entrevistados do Subúrbio, houve quem apostasse que alguns moradores da Zona Sul freqüentam casas de show no Subúrbio, à procura de novos lugares e pessoas diferentes. Um entrevistado da Zona Sul se enquadrou nesse caso, alegando ir, com alguma freqüência à casa de shows “Olimpo”, em Vila da Penha. De modo geral, entretanto, a praia e as numerosas opções de lazer, de gastronomia, de acesso à cultura e a própria vida noturna, fornecem um prato cheio para que moradores da Zona Sul se divirtam e passem perto de casa.

### 3.3 FAMÍLIA E AMIGOS

A maioria dos entrevistados do Subúrbio (73,7%) disseram ter, sim, amigos que moram na Zona Sul. Uma porcentagem parecida de entrevistados da Zona Sul disse, igualmente, que possui amigos no Subúrbio (72,4%).

Este quadro, entretanto, não parece apontar para uma “mistura social” muito grande na cidade. Embora a porcentagem seja expressiva, não reflete necessariamente num convívio muito próximo entre esses “amigos”. Entre os moradores da Zona Sul que possuem amigos no Subúrbio é possível dividi-los em cerca de metade que os vêem muito pouco ou raramente e cerca de metade que os vêem com certa frequência ou sempre. Neste segundo grupo, há que se fazer uma ressalva de que o convívio próximo entre moradores do Subúrbio e da Zona Sul é, em algumas situações, desenvolvido no ambiente de trabalho ou na faculdade. Quer dizer, não fossem tais vínculos, se reduziriam significativamente as relações de amizade entre suburbanos e moradores da Zona Sul. Entre os moradores do Subúrbio que possuem amigos na Zona Sul, ocorrem tendências semelhantes.

Perguntei ainda aos entrevistados onde costumavam ocorrer os encontros com os “amigos” da outra região. Quando não no trabalho, esses encontros pareceram se dar mais na Zona Sul, onde seria possível desfrutar de mais serviços. Em outros casos, porém, os entrevistados disseram que esses encontros se dão tanto num local quanto no outro ou até mesmo mais no Subúrbio, onde, para uma moradora de Anchieta, um morador da Zona Sul poderia se sentir mais à vontade e mais livre das restrições e da falta de liberdade da sua região.

Os laços de parentesco entre moradores do Subúrbio e da Zona Sul foram outra variável analisada. Mostraram-se, inclusive, significativamente mais frágeis que os laços de amizade. Apenas 31,6% dos moradores do Subúrbio disseram ter parentes que moram na Zona Sul. Uma porcentagem semelhante de moradores da Zona Sul, apenas 36,7%, disseram ter parentes que moram no Subúrbio. Ainda mais frágil é o grau de convívio nos poucos casos em que se tem parentes na outra região da cidade. Em boa parte destes casos os parentes se vêem pouco, raramente ou praticamente não se vêem. Nos casos em que parentes da Zona Sul e do Subúrbio se vêem com certa frequência ou bastante, esses encontros acontecem tanto numa região quanto na outra.

## 4 PRECONCEITOS

Existem preconceitos entre a Zona Sul e o Subúrbio do Rio de Janeiro: este é um dos resultados mais evidentes das entrevistas coletadas por esta monografia. Entendido em certa medida como se dão as interações entre moradores do Subúrbio e da Zona Sul no espaço urbano carioca, podemos agora refletir em que sentido essas interações, ou a falta delas, geram um sistema de preconceitos entre suburbanos e moradores da Zona Sul. Que preconceitos são esses? Como eles operam no discurso dos cariocas e da mídia? Uma breve discussão teórica a partir da Geografia Humanística, um debate acerca de estudos de Carneiro e Santana (2009) a respeito do tema, e uma análise aprofundada das entrevistas desenvolvidas por esta monografia nos ajudarão nessa tarefa.

O modo como as pessoas percebem o lugar em que vivem é uma questão central na geração de preconceitos. Nesta percepção, incluem-se a forma como um morador de uma região vê o lugar em que vive em relação a outros lugares e como vê a ocupação desse lugar por pessoas do próprio e de outros lugares. A compreensão dessa realidade dinâmica, em que indivíduos desenvolvem percepções sobre lugares e pessoas, para Relph apud Leite (1998, p. 13) pode se expressar através de duas percepções dialéticas homem-meio:

- a) *Insider*: é a ótica do habitante do lugar;
- b) *Outsider*: é a ótica de um habitante externo ao lugar.

A Geografia Humanística, a partir daí, nos faz pensar como os olhares da Zona Sul e do Subúrbio podem se voltar de uma região para a outra ou até mesmo para si. O grau de enraizamento em dado lugar e as relações estabelecidas entre os indivíduos e esse lugar construirão, em maior ou menor medida, uma crítica desses indivíduos às pessoas e ao ambiente com que lidam. Daí entender o modo diferente de enxergar o Subúrbio de alguém que o vê de dentro (ótica insider) e de alguém que o vê de fora (ótica outsider), ou de um morador da Zona Sul que raramente vai ao Subúrbio e de outro que vai com frequência. Ou o modo como um morador do Subúrbio que enxerga a Zona Sul, ora com idealização, ora negativamente, segundo suas oportunidades de contato com esse lugar e com as pessoas que estão nele.

A segregação sócio-espacial urbana, debatida no capítulo 2, também aqui merece destaque, à medida que provoca o distanciamento entre diferentes classes sociais e gerando preconceitos com o que é diferente. Quando existem barreiras espaciais que delimitam até que ponto pessoas do Subúrbio e da Zona Sul podem conviver, criam-se distâncias para além da distância física: criam-se estigmas e preconceitos de difícil superação.

#### 4.1 A ZONA SUL E O SUBÚRBIO TERIAM *ÉTHOS* PRÓPRIOS

Vimos no capítulo 2 que a Zona Sul e o Subúrbio carioca construíram para si significados sociais antagônicos no que diz respeito a “centralidade *versus* marginalização”, “modernidade *versus* atraso”, “beleza *versus* decadência”, “boa infraestrutura *versus* infraestrutura precária”, “riqueza *versus* pobreza” etc.

Mais do que a estigmatização dos espaços, um estudo de Sandra de Sá Carneiro nos mostra como existe uma forte estigmatização dos gostos, das preferências e do comportamento dos moradores dessas regiões. Para ela, a mídia tem papel fundamental na reprodução subjetiva da dicotomia Zona Sul/Subúrbio, representando suburbanos de forma caricata e bem distinta da dos moradores da Zona Sul.

Não podemos desconsiderar o papel da mídia na reprodução permanente dessa dicotomia: segundo ela, Zona Norte e Zona Sul possuíam valores, modos de vida, sociabilidades claramente distintas e incomparáveis. Sem dúvida, as estratégias narrativas que predominam nos meios de comunicação em massa, particularmente através das novelas de televisão, contribuem enormemente para perpetuarem discursos sobre o que é “ser suburbano”, particularmente sobre como representam seus gostos, comportamentos, estilos de vida [...] (CARNEIRO, 2009, p. 193)

A autora chega a exemplificar três novelas em que essa representação é transmitida. Entretanto, é inumerável o número de produções, sejam novelas, filmes ou séries, que trabalham com uma ideia de cisão cultural bem definida entre suburbanos e moradores da Zona Sul. Recentemente, só para constar, tem-se uma representação clara do subúrbio carioca na novela “Malhação”. Em alguns momentos, personagens aparentemente ricos e “bem apessoados” aparecem freqüentando lugares do Subúrbio e sentindo completa estranheza com o ambiente, as pessoas e os hábitos. Quando o choque não é apenas cultural, há também uma menção a uma agressividade e a uma marginalidade que seriam “comuns” no Subúrbio: num capítulo, quando um personagem pegava um ônibus indo para Guadalupe, dava de cara com pessoas estúpidas e mal educadas, que o tratavam de forma hostil. Não bastasse isso, o personagem ainda é assaltado durante a viagem.

Nessas produções, é comum o uso do termo “suburbano” como vocativo de acusação, o que reflete em parte seu uso por parte de alguns moradores da Zona Sul. Um morador do Subúrbio, que naturalmente é um “suburbano”, é assim chamado geralmente quando se quer veiculá-lo a maus gostos e mau comportamento.

Os estereótipos representados seriam a marca da existência de um “*éthos* suburbano”, que representaria um modo de vida e um comportamento bem definidos e próprios deste. (CARNEIRO, 2009, p.195)

Não só contornos depreciativos ganham os personagens suburbanos. É também fortemente atribuído a eles características como “sociabilidade”, “amizade”, “sociabilidade”. Tem-se a máxima de que no Subúrbio todos os integrantes de uma vizinhança se conhecem e formam vínculos de amizade sinceros e espontâneos.

O mesmo equivaleria para a Zona Sul. Assim como seu espaço é usualmente relacionado à beleza e à modernidade, seus moradores também o são. Nas novelas, nas séries de TV e nos filmes, o morador da Zona Sul é uma pessoa bonita (na maioria das vezes, segundo um padrão branco e europeu de beleza), moderna e rica. Estes personagens falam de forma articulada, são cultos, bem-humorados e interessantes, de modo geral, enquanto os personagens suburbanos ganham contornos mais estereotipados, geralmente ligados à comicidade.

Para além do discurso midiático, constrói-se também nas relações subjetivas do espaço urbano carioca uma máxima de que os moradores da Zona Sul, ao contrário dos suburbanos, seriam pessoas mais “fechadas” ou “solitárias”. Pensa-se também que tais moradores dificilmente formam vínculos de amizade verdadeiros e duradouros: a sociabilidade, na Zona Sul, estaria vinculada ao interesse, ao status ou prestígio social, ou mais, a uma “vida de aparências”.

#### 4.2 O OLHAR QUE VEM DA ZONA SUL

Assim Chico Buarque de Holanda, morador da Zona Sul do Rio de Janeiro, enxerga o Subúrbio carioca, na música intitulada “Subúrbio”:

Lá não tem brisa  
 Não tem verde-azuis  
 Não tem frescura nem atrevimento  
 Lá não figura no mapa  
 No avesso da montanha, é labirinto  
 É contra-senha, é cara a tapa  
 Fala, Penha  
 Fala, Irajá  
 Fala, Olaria  
 Fala, Acari, Vigário Geral  
 Fala, Piedade  
 Casas sem cor  
 Ruas de pó, cidade  
 Que não se pinta  
 Que é sem vaidade  
 Vai, faz ouvir os acordes do choro-  
 canção  
 Traz as cabrochas e a roda de samba  
 Dança teu funk, o rock, forró, pagode,  
 reggae  
 Teu hip-hop  
 Fala na língua do rap  
 Desbanca a outra  
 A tal que abusa  
 De ser tão maravilhosa  
 Lá não tem moças douradas  
 Expostas, andam nus  
 Pelas quebradas teus exus  
 Não tem turistas  
 Não sai foto nas revistas  
 Lá tem Jesus  
 E está de costas

Fala, Maré  
 Fala, Madureira  
 Fala, Pavuna  
 Fala, Inhaúma  
 Cordovil, Pilares  
 Espalha a tua voz  
 Nos arredores  
 Carrega a tua cruz  
 E os teus tambores  
 [...]

Fala na língua do rap  
 Fala no pé  
 Dá uma idéia  
 Naquela que te sombreia  
 Lá não tem claro-escuro  
 A luz é dura  
 A chapa é quente  
 Que futuro tem  
 Aquela gente toda  
 Perdido em ti  
 Eu ando em roda  
 É pau, é pedra  
 É fim de linha  
 É lenha, é fogo, é foda  
 Fala, Penha  
 Fala, Irajá  
 Fala, Encantado, Bangu  
 Fala, Realengo...  
 Fala, Maré  
 Fala, Madureira  
 Fala, Meriti, Nova Iguaçu  
 Fala, Paciência...

(HOLANDA, c2006)

A letra dessa canção retrata um olhar muito peculiar do poeta e músico Chico Buarque sobre o Subúrbio carioca: um olhar bastante duro, por sinal, através do qual o Subúrbio está associado a sofrimento, tristeza, falta de rumo, falta de beleza, de “atrevimento”, de “ousadia”. Seria um lugar apagado, marginalizado, esquecido, ofuscado pela “outra” cidade: a maravilhosa, a bela, a encantadora... a Zona Sul, talvez.

Na tentativa de traçar as principais impressões tidas pelos moradores da Zona Sul a respeito dos ditos ‘suburbanos’, começamos elucidando as respostas dos entrevistados deste trabalho a uma curiosa questão: pedi-lhes que citassem nomes de três bairros situados no Subúrbio da cidade. Queria-se com isso ter uma noção primitiva dos lugares que os moradores da Zona Sul têm em mente quando se fala em “Subúrbio”. Nesta pergunta, boa parte dos entrevistados se manteve reticente, com medo de errar e se mostraram pensativos. Alguns destes nem conseguiram se lembrar de três bairros.

O bairro campeão de citações foi o Méier (11 citações), seguido de Madureira (9 citações), Penha (7 citações) e Bonsucesso (5 citações). Curiosamente, os três bairros mais citados foram os pólos de entrevistas no Subúrbio do Rio. Outros bairros do Subúrbio da Zona Norte mencionados foram Quintino, Cascadura, Pilares, Colégio, Coelho Neto, Vicente de Carvalho, Olaria, Ramos, Del Castilho, Piedade, São Cristóvão, Irajá, Cachambi, Riachuelo, Maria da Graça, Manguinhos, Vila da Penha e Cavalcanti.

A surpresa desta pergunta consiste no fato de que um significativo número de entrevistados citaram nomes de municípios da Baixada Fluminense. Ainda que eu fosse claro, ao usar a palavra “bairro”, não foram poucos os que responderam de tal forma. Nova Iguaçu foi campeão de citações entre esses municípios (4 citações, superando bairros suburbanos conhecidos como Ramos, que teve 3 citações), seguido de Duque de Caxias (3 citações). Também foram citados Nilópolis, Belford Roxo, Mesquita e São João de Meriti.

Como foi dito no capítulo introdutório, não é de se espantar que a Baixada Fluminense seja enxergada na metrópole carioca como parte do Subúrbio. Além de ser servida pelo transporte urbano trem, ela está inserida numa lógica de distâncias, na qual ocupa uma posição de lugar distante e precário. Além disso, a própria dinâmica de vida dos moradores dessa região corrobora com sua condição periférica, vide o fato de que muitos deles trabalham na cidade do Rio, principalmente no Centro e na Zona Sul. Os moradores da Zona Sul, por sua vez, não vêem por que não considerá-los pertencentes ao Subúrbio do Rio de Janeiro e, de maneira mais genérica, como “bairros” do Rio de Janeiro, associando a estes lugares e a seus

moradores características que lhes seriam próprias assim como a moradores do Subúrbio da Zona Norte.

A questão da existência de um éthos próprio de suburbanos e moradores da Zona Sul é extremamente naturalizada na fala dos entrevistados da Zona Sul. A partir da pergunta “Você acha que é possível perceber diferenças entre moradores da Zona Sul e do Subúrbio?” ficou mais evidente a concepção dissonante que se tem dos moradores das duas regiões. Dos 30 entrevistados, 21 (70%) disseram acreditar que, de fato, é possível perceber diferenças entre suburbanos e moradores da Zona Sul. A grande maioria destes diz se tratar de diferenças de comportamento e chegam a mencioná-las: o modo de falar, de se vestir, os gostos e o nível de educação de ambos foram os mais citados. Até mesmo o comportamento na praia foi apontado.

Para além de apontar os tipos de diferenças entre moradores do Subúrbio e da Zona Sul, alguns entrevistados da Zona Sul se propuseram a especificá-las. Quanto ao modo de se vestir, uma moradora do Flamengo disse acreditar que suburbanos se vestem com menos roupa. Alguns entrevistados disseram que o morador do Subúrbio tem menos educação e que, geralmente, falam mais alto e jogam lixo no chão. A esse respeito, uma moradora de Copacabana é enfática: para ela, os suburbanos são, em grande parte, responsáveis pela falta de limpeza na Zona Sul. Chega a citar ainda que, nos fins de semana, quando a presença “deles” aumenta na Zona Sul em virtude do lazer, é quando se nota a presença de mais sujeira no chão, sobretudo nas proximidades das estações de metrô, por onde “eles” chegam. A entrevistada chega a qualificar os suburbanos, e por extensão, os moradores da Baixada fluminense, de inconstitucionais.

Uma moradora de Botafogo foi, provavelmente, uma das mais radicais ao apontar diferenças entre moradores do Subúrbio e da Zona Sul. Ela disse, de imediato, que os suburbanos seriam “mais atrasados mentalmente” (nestas palavras). Quando notou que foi um tanto radical, corrigiu para “atrasados culturalmente”, mas manteve o sentido de atraso.

Para alguns entrevistados, as diferenças percebidas por eles se respaldam principalmente pela classe social à qual os indivíduos pertencem. Quanto a isso, um morador da Urca foi enfático: para ele “classes diferentes têm comportamento diferente”. Correta ou não, a opinião desse entrevistado reflete uma forte visão classista que se tem dos moradores da Zona Sul e do Subúrbio, onde as pessoas seriam, respectivamente, ricas e pobres.

Nem todas as diferenças propostas pelos entrevistados da Zona Sul depreciavam o comportamento dos suburbanos. Houve quem os idealizasse. E, claro, por que não dizer que a idealização também é uma forma de preconceito? É o caso de um ou outro entrevistado, que

contrapôs uma arrogância, ou soberba, que seriam próprias dos moradores da Zona Sul à simplicidade, à união e à solidariedade, que seriam próprias dos suburbanos. Uma moradora de Copacabana disse acreditar que os suburbanos são mais autênticos, espontâneos, alegres e sinceros, enquanto que os moradores da Zona Sul “gostam de parecer o que não são”. Outra moradora, esta do Leblon, disse que acredita na existência de um “velado sentimento de castas” por parte de alguns moradores da Zona Sul. Para ela, só isso explicaria o fato destes não cumprimentarem as pessoas pelas quais passam: o fato de, naturalmente, se sentirem superiores a elas.

Houve ainda quem respaldasse as diferenças entre suburbanos e moradores da Zona Sul pelas “experiências que estes vivem”, como disse um senhor morador de Botafogo. As diferenças se dariam, portanto, pela rotina diferente, pelo contato diferente com determinados lugares e pessoas, como foi dissertado no capítulo anterior.

Entre os 21 entrevistados que acreditam haver diferenças entre moradores da Zona Sul e do Subúrbio, uma boa parte chegou a essa conclusão imediatamente. É o caso de uma moradora de Copacabana que disse ser possível inferir de onde uma pessoa é só de “bater o olho”. Outros, após ponderar um pouco, reconheceram que “às vezes” ou “um pouco”, tais diferenças existem, sim. Houve ainda dois entrevistados, cuja postura não foi possível de enquadrar em “sim” ou “não”, mas que acreditam que, dependendo da pessoa e da parte do subúrbio em que ela vive, pode haver ou não diferenças. Ainda assim, alguns entrevistados, ao apontar esta relatividade, parecem se opor a um discurso que consideram predominante: é o caso de um morador de Copacabana, que diz que “mesmo na Baixada, pode haver ‘gente finíssima’ e que na Zona Sul pode haver gente ‘a nível de Baixada’”. É possível perceber que, apesar da relativização feita pelo entrevistado, este parece carregar consigo uma ideia subjetiva a respeito do que seria um morador com “nível de Baixada”. Outro caso curioso foi o de um entrevistado que disse não enxergar diferenças entre moradores do Subúrbio e da Zona Sul, exemplificando que “às vezes” os primeiros são “até mais bonitos”.

Entre os 7 entrevistados restantes, que disseram não haver diferenças, boa parte acredita que elas “existiam”, mas isso está sendo cada vez mais superado. Mesmo assim, alguns destes caem em contradição em outros momentos da entrevista e acabam apontando, ainda que disfarçadamente, diferenças entre os moradores das duas regiões.

Propositalmente, depois de perguntar sobre a possibilidade de se enxergar diferenças entre suburbanos e moradores da Zona Sul, perguntei aos entrevistados se eles consideravam existir preconceito (não por parte deles, mas em geral) com quem mora no Subúrbio. A

maioria (23 dos 30, ou 76,7%) admitiu que existe. Entre os que não admitiram, 5 responderam negativamente e 2 não souberam ou disseram “talvez”.

Na tentativa de desvincular de preconceitos as impressões tidas pelos moradores da Zona Sul em relação aos suburbanos, um senhor morador de Botafogo disse acreditar que existem, na verdade “suburbanos que sabem se comportar e aqueles que não o sabem” e não, exatamente, preconceitos. Do mesmo modo, um morador de Copacabana disse que o preconceito existe contra “atitudes inconvenientes” de alguns moradores do Subúrbio.

Um entrevistado de Copacabana nos disse que quando se está na Zona Sul e não se é de lá, se sofre preconceito, sugerindo que os moradores da região não vêm com bons olhos a divisão do espaço com moradores de outras regiões da cidade. Uma das perguntas da entrevista procurou averiguar isto da seguinte forma: perguntou-se como os moradores da Zona Sul avaliavam os projetos de expansão do metrô para toda a Zona Sul, chegando à Barra da Tijuca. O curioso é que as respostas sofriam mudanças de acordo com a região da Zona Sul em que o entrevistado morava. Nos bairros da Zona Sul onde já existem estações de metrô, os moradores se mostraram favoráveis aos projetos ou, pelo menos, indiferentes. Alguns, entretanto, argumentavam que o serviço do metrô deveria ser ampliado no Subúrbio, onde é mais deficiente. Já em bairros aonde o metrô ainda não chegou, a reação dos moradores apresentou sensíveis diferenças. No Leblon, por exemplo, as respostas em geral adquiriam um tom de receio e preocupação. Uma moradora deste bairro me explicou o porquê do seu desconforto. Para ela, a chegada do metrô seria uma ameaça à tranquilidade do bairro. A chegada de pessoas de outras regiões da cidade traria mais insegurança e desorganização. “O acesso fácil é perigoso”, ela disse.

No estudo de Carneiro e Santana (2009), também referido nos capítulos anteriores, a autora também nos traz experiências históricas que mostram a insatisfação de moradores da Zona Sul com a chegada de moradores do Subúrbio. Cita, na década de 80, uma política pública de redistribuição do transporte urbano, que criava quatro linhas de ônibus para ligar a Zona Norte à Zona Sul via Túnel Rebouças. Tal possibilidade conferia aos moradores do Subúrbio maior facilidade e rapidez para chegar à Zona Sul. Na época, a medida foi polêmica e gerou desagrado em bairros como Copacabana, Ipanema e Leblon.

Voltamos então à Geografia Humanística para entender como o senso de Lugar se manifesta quando se supõe por parte do seu habitante algum tipo de ameaça a ele. Nesses casos, a presença do suburbano na Zona Sul, seja nas ruas ou nas praias, traria desconforto a alguns moradores da Zona Sul, que sentiriam seu espaço invadido. Essa “invasão” teria dois aspectos negativos: a insegurança, para alguns, e a degradação do espaço urbano, para outros.

Em ambos os casos, a imagem tida do suburbano é negativa, ora como um praticante de delitos em potencial, ora como sujeito mal educado que não conserva o espaço público.

Ainda fiz aos entrevistados da Zona Sul outras duas perguntas. Pedi a eles que imaginassem duas situações: na primeira, algo que, na sua opinião, o Subúrbio tem que a Zona Sul não tem; na segunda, o contrário, algo que a Zona Sul tem que o Subúrbio não tem. Ou, logicamente, algo que o entrevistado imaginasse ser muito mais relativo a uma região do que à outra.

A primeira questão deixou os entrevistados um pouco reflexivos. A intenção era fazê-los pensar numa vantagem que o Subúrbio tinha sobre a Zona Sul, mas estavam livres para responder tanto aspectos positivos quanto negativos. O desafio foi grande demais para 9 pessoas, que responderam “nada” ou que não sabiam. Cinco pessoas não pensaram em aspectos positivos de imediato, e citaram aspectos negativos tais como: “falta de equipamentos urbanos”, “pouca iluminação”, “violência”, “falta de atenção do governo” e “condição de vida precária”. Entre as pessoas que conseguiram imaginar aspectos positivos, foram mais citados “baixo custo de vida” (4 citações) e “amizade, comunicação, sociabilidade entre as pessoas” (5 citações). Foram lembrados ainda “espaço” (3 citações), ou seja, uma imagem do Subúrbio como um espaço urbano extenso e potente para ser ocupado, e “casas” (2 citações), como um tipo de moradia mais confortável que “apartamentos”.

A segunda questão foi mais facilmente respondida. Não houve entrevistados que citaram pontos negativos. A resposta mais dada, como algo que a Zona Sul tem e o Subúrbio não tem, pode parecer banal ou óbvia, mas faz enorme diferença: a praia (8 citações). Não fosse a praia, provavelmente a Zona Sul e o Subúrbio não construiriam para si aspectos visuais tão dissonantes. O lazer, em geral, foi um aspecto bastante lembrado (4 citações). Depois de “praia”, entretanto, os moradores da Zona Sul deram menção a uma considerável disparidade entre as duas regiões: as opções culturais (7 citações). Estes entrevistados lembraram o quanto a concentração de cinemas, livrarias, museus e (sobretudo) teatros é superior na Zona Sul. O aspecto visual das duas regiões suscitou ainda a “beleza” (4 citações) como algo que a Zona Sul tem e o Subúrbio não tem: beleza tanto do lugar quanto das pessoas, para alguns entrevistados. Foram citados ainda “segurança”, “mais comércio”, “riqueza”, “influência”, “atenção do governo”, “transporte”, “restaurantes e bares” e “boa aparelhagem urbana”.

Perguntei também aos moradores da Zona Sul se gostariam de morar no Subúrbio. A pergunta desconcertou alguns que, depois de tudo que haviam falado, achavam não ser necessário responder a uma pergunta que já parecia um tanto óbvia. A resposta “não” foi

quase unânime. Um ou outro disse que moraria, sem problemas, mas não manifestou de fato interesse nisso. Quem não quis voltar a criticar o Subúrbio, se limitou a dizer que estava mais acostumado aonde mora ou que gosta de morar perto da praia. Grande parte, porém, citou a infraestrutura precária, a distância e a violência do lugar como fatores de repulsão que impediriam seu desejo de lá morar. Sandra de Sá Carneiro (2009, p. 201) nos fala das mudanças de moradia de uma região para a outra, ressaltando, no Rio de Janeiro, a existência um discurso de “subida de vida, ou de status” quando se vai para a Zona Sul e de “queda de status” quando se vai morar no Subúrbio.

#### 4.3 O OLHAR QUE VEM DO SUBÚRBIO

E como o Subúrbio enxerga a si mesmo e à Zona Sul? Primeiramente, perguntei aos entrevistados suburbanos o nome de três bairros que ficam na Zona Sul da Cidade, em situação análoga à da Zona Sul. No Subúrbio, pareceu haver uma identificação mais concisa e certa de bairros. Poucos identificaram bairros não pertencentes à Zona Sul e também poucos hesitaram ao responder.

O bairro mais citado foi Copacabana, mencionado por nada menos que 31 entrevistados, dos cerca de 40 que responderam à pergunta. Ipanema (27 citações) e Leblon (21 citações) vêm a seguir. Os três bairros mais citados abriram uma larga vantagem em relação ao quarto colocado, configurando-se como bairros emblemáticos da Zona Sul e, não raro, foram citados os três pelo mesmo entrevistado. O quarto colocado foi o bairro de Botafogo (8 citações), seguido de Flamengo (5 citações), Leme (4 citações), Lagoa (3 citações), Gávea e Jardim Botânico (2 citações cada) e São Conrado e Glória (1 citação cada).

A Barra da Tijuca, como se pode esperar, foi o bairro não pertencente à Zona Sul mais citado (4 vezes). Este bairro, como já foi falado nesta monografia, apresentou um modelo de crescimento nas últimas décadas pautado num planejamento de infraestrutura urbana eficiente e moderna e numa ocupação imobiliária voltada para condomínios fechados luxuosos. O bairro, que ainda detém uma extensa e popular praia, apresenta, portanto, traços que o aproximam do significado social atribuído à Zona Sul da cidade e, por vezes, é visto como pertencente a ela. A Barra da Tijuca se localiza na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Um morador de Manguinhos, ex-morador do bairro do Itanhangá, citou o antigo bairro como pertencente à Zona Sul. O Itanhangá é um bairro localizado entre a Barra da Tijuca e a Zona Sul, sendo

considerado parte da Zona Oeste. Nem por isso, o bairro, onde reside em geral uma classe de alta renda, deixa de compartilhar do mesmo significado social. Não houve mais bairros não pertencentes à Zona Sul citados.

Aos moradores do Subúrbio, também foi perguntado se era possível perceber diferenças entre seus moradores e os da Zona Sul. Também entre eles, parece ser natural a existência de um *éthos* próprio a suburbanos e a moradores da Zona Sul, os quais poderiam ser imediatamente identificados por preferências, comportamento e aparência específicos. Não foi à toa que 30 entrevistados (76,9% do total) responderam que “sim” diretamente à pergunta. Esta porcentagem seria maior se considerássemos os 6 entrevistados que responderam “Às vezes”, “Talvez” ou “Depende”, alguns dos quais caíram em contradição logo após, citando aparentes diferenças entre moradores da Zona e do Subúrbio. Apenas 3 entrevistados (7,7% do total) responderam “não” convictos.

Entre os que se atreveram a especificar como essas diferenças se dão, a questão da educação foi bastante recorrente. Mesmo entre os moradores do Subúrbio, a ideia de que os moradores da Zona Sul são mais educados, ou se portam melhor, é relativamente comum. Para uma moradora da Penha, o morador da Zona Sul seria mais educado no modo de falar, por não falar com “agressividade”, característica que atribuiu implicitamente ao modo de falar despojado e informal dos suburbanos. As gírias, inclusive, foram citadas por outro entrevistado, como prova de um modo diferente de falar. Igualmente, o modo de se vestir também foi apontado algumas vezes.

Quanto aos gostos e às preferências, uma moradora de Realengo, do Subúrbio da Zona Oeste, foi taxativa. Para ela, os “suburbanos consideram teatro irrelevante e não têm apreciação pela boa gastronomia”. Disse ainda que o morador da Zona Sul é mais dotado de “civildade” e usou como exemplo o perfil das pessoas que andam de trem e de metrô para reafirmar que existem diferenças entre moradores das duas regiões. A entrevistada deve acreditar, provavelmente, que os moradores da Zona Sul freqüentam em peso o metrô, o que não parece ser verdade. Para um morador de Parada de Lucas, o morador do Subúrbio “é mais vândalo”, o que indica sua crença no fato de que os moradores da região são recorrentes depredadores do espaço público.

Mais uma vez o fator “renda” apareceu como determinante para reafirmar as distinções entre os moradores das duas regiões. “Quem tem mais dinheiro, se sente superior”, disse um entrevistado. A crítica ao comportamento dos moradores da Zona Sul costumou levar em conta tal sentimento de superioridade. Uma moradora da Penha atribui a eles um forte “egoísmo” e houve também que os considerasse mais “fechados” ou “soberbos”. Para

uma moradora de Anchieta, há na Zona Sul uma excessiva valorização do dinheiro, em detrimento da liberdade e do aconchego próprios do Subúrbio.

A questão da rotina e dos hábitos também foi lembrada na Zona Norte. Um morador da Penha Circular disse que, para além das diferenças de comportamento, é fundamental a diferença de hábitos pela oportunidade de acesso a diferentes tipos de serviço, como o lazer. Acesso que, para muitos entrevistados, é mais facilitado.

Entre os que responderam “depende”, a fala de uma moradora de Olaria chamou a atenção pela marca de um discurso taxativo mesmo diante da relativização. Para ela, “‘Alguns’ moradores da Zona Norte se comportam, mas tem gente que você olha e diz ‘É suburbano!’”. Parece razoável dizer que, com as opiniões relatadas, o preconceito com moradores do Subúrbio não provém exclusivamente de fora dele, mas também se reproduz e é aceito largamente dentro da região.

Os moradores do Subúrbio acreditam serem vítimas de preconceito. Ou, pelo menos, a grande maioria deles (81,6%). O que chamou atenção, em boa parte das respostas, foi a confirmação efusiva, acompanhada de expressões como “Muito!” ou “Com certeza!”. Alguns citaram um vocativo de acusação cujo uso consideram recorrente, para além de “suburbano”: o de “favelado”, termo que, além de ser usado pejorativamente, retrata uma errônea metonímia (troca da parte pelo todo e vice-versa). Os moradores do Subúrbio também reconhecem haver preconceito com quem mora na Zona Sul, embora numa porcentagem mais discreta (70,3%), justificado pelo uso de vocativos como “playboyzinho”, “mauricinho”, “madame”, “dondoca” e “patricinha”.

Perguntei também, assim como na Zona Sul, o que os moradores do Subúrbio consideravam presente numa região e não na outra, ou muito mais numa do que na outra. Os resultados foram semelhantes:

O que o Subúrbio tem que a Zona Sul não tem, para os moradores do próprio Subúrbio, também gira em torno de um maior “convívio”, “amizade” e “calor humano” entre as pessoas, de acordo com 7 entrevistados. A “solidariedade”, a “ajuda” foram citadas por 2 pessoas. De resto, as respostas se dispersaram entre aspectos positivos e negativos: baixo custo de vida, tranqüilidade, humildade e moradia, entre os positivos; e abandono, favelização, mendicância e poluição, entre os negativos. Seis pessoas disseram que o Subúrbio não tem “nada” que a Zona Sul não tenha e outras três não lembraram ou não souberam responder.

E o contrário, o que a Zona Sul tem que o Subúrbio não tem? Para os entrevistados da Zona Norte, a “praia” também assumiu caráter decisivo, citada por 9 pessoas. As opções de

lazer e diversão, em geral, assumiram a segunda colocação, com 7 citações. Também no que concerne a lazer e diversão, 5 entrevistados mencionaram a superioridade da Zona Sul quanto às opções de balada e vida noturna, de modo geral. Pontos negativos não foram citados, assim como ocorreu na Zona Sul. Entre os demais positivos: opções culturais, melhor comércio, opções de bares e restaurantes, opções de transporte e infraestrutura (como já tem se fundamentado sistematicamente ao longo desta monografia), beleza, luxo, qualidade de vida, cuidado, investimentos e policiamento. Quanto às qualidades dos moradores, houve quem citasse “pessoas mais educadas” e “conscientes”.

Perguntados se gostariam de morar na Zona Sul da cidade, os entrevistados do Subúrbio se dividiram. Boa parte, porém menos da metade (41,7%) atraída pela beleza e pela infraestrutura do lugar, respondeu que “sim”. Citaram também a praia, da qual naturalmente gostariam de morar perto. Mas nem todos, minoria aliás, acreditam no discurso de que se mudar para a Zona Sul é “subir de vida” ou, pelo menos, não o desejam. Os 58,3% restantes dos entrevistados disseram não querer morar na Zona Sul. A maioria parece se sentir melhor morando na Zona Norte, onde consideram ter mais liberdade e desenvolver maior sociabilidade com as pessoas. Estas pessoas vêem o morador da Zona Sul como alguém solitário, que vive recluso e não faz muitas amizades. Uma moradora de Anchieta chegou a dizer que os moradores da Zona Sul são pessoas que “precisam de mais carinho”. O custo de vida alto foi outro motivo bastante apontado para não se querer morar na Zona Sul.

#### 4.4 UM SENTIMENTO CARIOCA

Em que medida moradores do Subúrbio e da Zona Sul se sentem cariocas? A imagem emblemática que se propaga do Rio de Janeiro Brasil afora, quase sempre vinculada aos seus pontos turísticos e às suas belas praias me provocou a explorar esta questão. Seria mais fácil sentir-se carioca na Zona Sul, diante de um dos cartões-postais mais bonitos do mundo – a praia de Copacabana, o Cristo Redentor, o Pão-de-Açúcar e tantas outras maravilhas da região?

Na Zona Sul, esse discurso foi bastante hegemônico. Caminhar pela praia, passear na Lagoa Rodrigo de Freitas, ver o Cristo ou o Pão de Açúcar pela janela de casa ou respirar o ar puro da praia são os momentos que mais fazem os moradores da região se sentirem pertencentes à cidade do Rio de Janeiro.

Entretanto, é importante dizer que este discurso não é unânime. Sandra de Sá Carneiro nos apresenta um discurso comum entre alguns suburbanos: trata-se de um discurso que

valoriza o modo de vida suburbano como algo que, genuinamente, representa o que é, de fato, o carioca. Assim, os moradores do Subúrbio seriam aqueles que melhor representariam o perfil, os gostos, as preferências e as qualidades do povo do Rio de Janeiro. Esta ideia se justificaria pela associação do povo carioca à sua alegria, à sua sociabilidade, à boemia e ao samba (música que, historicamente, se identifica com a cultura popular do subúrbio carioca).

Carneiro (2009), em seu estudo sobre a dicotomia discutida neste trabalho, realizou entrevistas no bairro de Madureira que nos apresentam uma considerável difusão deste discurso. Ela nos conta que:

No universo estudado predominava a valorização da vida social do bairro, que era sempre apresentado como “a capital dos Subúrbios”, “a capital do samba”, sobressaindo a imagem de Madureira como um bairro “verdadeiramente” popular, onde residia o “verdadeiro ou autêntico carioca”, “aquele que tem raízes. Assim, os moradores falavam “com certo orgulho” das características do bairro, como o lugar onde “as famílias podiam criar seus filhos sem preocupação”. As frases “Madureira é sempre uma festa” ou “Madureira está em festa permanente” expressam bem essa imagem. (CARNEIRO, 2009, p. 205)

Este discurso, entretanto, não é internalizado por todos os moradores do Subúrbio. Perguntei a estes em que momento de seu cotidiano, seja por um lugar aonde vão ou por uma atividade que pratiquem, se sentiam mais cariocas. A maioria das respostas, inevitavelmente, foi associada a “estar na praia”. Embora tal resposta tenha sido menos recorrente do que na Zona Sul (no Subúrbio, parte das respostas buscou desvincular o significado de “sentir-se carioca” de “estar na Zona Sul”, atribuindo-o à sociabilidade, à liberdade, ao modo despojado de falar, ao samba ou ao próprio sotaque, que chama a atenção de alguns entrevistados quando viajam) ainda assim, reforça um vínculo que associa a Zona Sul, ou as praias, genericamente, a um símbolo carioca, onde “os ares” evidenciam a paisagem “típica” do Rio de Janeiro e fazem sua população sentir-se, de fato, pertencente à cidade.

#### 4.5 A PRAIA TERRITORIALIZADA

A praia, como se pode concluir até aqui, é um elemento fundamental na reprodução das diferenças espaciais entre a Zona Sul e o Subúrbio, como elemento que agrega valorização à Zona Sul e reforça a segregação espacial na cidade. É elemento fundamental, também, quando se quer explicar a dinâmica de interações de moradores da Zona Sul e do Subúrbio com a cidade, evidenciando-se como opção de lazer que atrai pessoas de diferentes regiões da cidade para a Zona Sul.

E quanto aos preconceitos? Neste capítulo, podemos ver que o “elemento praia” também tem significativo papel na reprodução de preconceitos e de barreiras de sociabilidade entre moradores da Zona Sul e do Subúrbio.

O filme **Faixa de Areia** (2007), das cineastas cariocas Daniela Kallmann e Flávia Lins e Silva, aborda o universo da praia, na cidade do Rio, como um elemento construtor de sociabilidade. É realizada uma série de entrevistas com pessoas de diferentes lugares da metrópole fluminense que transitam pela praia. O discurso dos entrevistados, num primeiro momento, direciona um olhar à praia como um “espaço democrático”, onde convivem todos os tipos de pessoas: pobres, ricos, negros, brancos, homossexuais, heterossexuais, e por aí vai. Entretanto, o desenrolar das entrevistas evidencia que tal “democracia” não parece apontar para uma “mistura social” (PRETECEILLE; RIBEIRO, 1999) ou para “contatos mistos” (CARNEIRO; SANTANA, 2009) muito intensos.

Isto ficou claro pelo que se chama de “territorialização” da praia. Embora seja, sim, um espaço freqüentado por todos os tipos de pessoas, os entrevistados do filme atentam para uma forte divisão espacial da praia segundo “categorias de pessoas”: numa parte, se concentrariam pessoas de maior nível financeiro; noutra, grupos de homossexuais; noutras, grupos de travestis, garotas de programa, entre outros; e numa parte específica, ficariam os “suburbanos, favelados e pobres”. Nota-se com isso que a praia, ainda que um espaço “democrático”, não enfraquece a distância social entre os cariocas.

O comportamento de moradores da Zona Sul e do Subúrbio na praia pareceu bastante distinguível por alguns entrevistados do filme. Além do próprio espaço da praia ocupado, atribui-se aos dois grupos diferentes níveis de educação. Nessa hierarquia, os suburbanos seriam os “bagunceiros”, “mal educados”, “farofeiros” etc. Uma entrevistada, que disse não querer ser hipócrita, revelou seu desejo íntimo de que os moradores do Subúrbio deixassem de freqüentar as praias da Zona Sul para ir ao Piscinão de Ramos, na Zona Norte. Outros moradores da Zona Sul que não expuseram tal desejo e afirmaram inclusive ser direito de “todos” estar na praia, ainda assim, mostravam-se incomodados em compartilhar a praia de perto com os suburbanos. É o que disse um entrevistado meu, morador de Copacabana: “Eles (os suburbanos) têm todo direito de freqüentar a praia, desde que não perto de mim”.

## 5 CONCLUSÕES

Ao final deste Trabalho de Conclusão de Curso, algumas conclusões podem ser tomadas. Eis algumas delas:

a) A dicotomia Zona Sul/Subúrbio na cidade do Rio de Janeiro ainda está distante de ser superada. Esta opera física e subjetivamente. Fisicamente, enquanto lugares que são, vimos que a Zona Sul e o Subúrbio apresentam evidentes diferenciações em aspectos fundamentais do seu espaço urbano: econômica, política, cultural, étnica e paisagisticamente. Subjetivamente, apresenta-se um tanto mais forte, impregnada no discurso dos cariocas e da mídia.

b) A questão da Segregação Socioespacial Urbana pode, sim, ser aplicada à dualidade apresentada por este trabalho. Vimos que, dadas as limitações e as diferentes faces dessa segregação na cidade do Rio de Janeiro, a dicotomia Zona Sul/Subúrbio pode ser fundamentada a partir dos estudos de Preteceille e Ribeiro (1999), de Carneiro e Santana (2009). Ainda que igualmente importante, a dualidade Favela/Asfalto está inserida numa dualidade maior, norte-sul, vide que os autores mencionados atentam para diferenças entre as favelas, no que diz respeito à sua “distância social” e “proximidade geográfica” às áreas nobres da cidade.

c) As diferenças entre a Zona Sul e o Subúrbio são características de uma formação socioespacial capitalista, cuja lógica se baseia em disparidades que podem ser verificadas na consolidação de um espaço urbano diferenciado em relação ao valor da terra, à ação do Estado, enquanto agente produtor do espaço urbano, e à disposição das diferentes classes sociais que integram a sociedade.

d) A Zona Sul e o Subúrbio, logicamente, não constituem espaços homogêneos. Dentro deles, há considerável diversidade. O conceito de Lugar, que nos permite entender a significação social do Lugar Zona Sul e do Lugar Subúrbio, desse modo, é fundamental para que a dicotomia apresentada não se esvazie na heterogeneidade das duas regiões.

e) As interações entre moradores da Zona Sul e do Subúrbio deve ser relativizada no espaço, na frequência e no sentido em que se dão. Estas interações são uma ponte entre as diferenças e os preconceitos entre a Zona Sul e o Subúrbio: são, em grande medida, direcionadas pelas diferenças e geradoras de preconceitos. Conclui-se que o morador da Zona Sul vai muito menos ao Subúrbio do que o contrário e que as condições de infraestrutura das duas regiões estão por trás deste fato. As relações de trabalho e as ofertas de lazer e entretenimento foram parâmetros avaliados. As relações afetivas, de parentesco e amizade, se mostraram um tanto frágeis, no geral, o que não descarta as exceções.

f) Existem preconceitos entre moradores do Subúrbio e da Zona Sul. A ideia de que os respectivos moradores teriam éthos próprios, expressos por modos de vida, comportamento e gostos diferentes, ainda parece bastante comum para os entrevistados.

g) A praia é elemento fundamental na dicotomia apresentada. É elemento que agrega valor à Zona Sul e impulsiona sua valorização econômica e imobiliária, ao mesmo tempo que empurra para as áreas periféricas da cidade a população de renda mais baixa. A praia explica ainda grande parte dos fluxos dos cariocas na cidade, sobretudo a ida de suburbanos à Zona Sul e também reforça preconceitos. A praia territorializada é prova de que sua imagem idealizada de espaço democrático não parece apontar para “contatos mistos” e “mistura social” intensa entre moradores do Subúrbio e da Zona Sul.

Dadas as conclusões, me resta apenas encerrar este trabalho com a perspectiva de que podemos construir uma cidade mais igual, e sobretudo, mais unida. O autor, que começou a monografia inconformado, longe de deixar de lado seu inconformismo, encerra seu trabalho um pouco mais dono de sua cidade. Não apenas dono, mas apaixonado por ela. Fascinado com sua heterogeneidade. Um carioca nato, amante do Subúrbio e apaixonado pela Zona Sul. Mas, principalmente, louco, louco mesmo, pelo Rio de Janeiro.

## REFERÊNCIAS

- CAIADO, Maria Célia Silva. O padrão de urbanização brasileiro e a segregação espacial da população na região de Campinas: o papel dos instrumentos de gestão urbana. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, 11., 1998, Caxambu. p.457-488. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a140.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2010.
- CARNEIRO, Sandra de Sá; SANTANA, Maria Josefina Gabril (Org.). **Cidade: olhares e trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond Univesitária FUPERJ, 2009.
- CARNEIRO, Sandra de Sá. Rio, Zona Norte e Zona Sul: fronteiras para além dos estigmas. In: CARNEIRO, Sandra de Sá; SANTANA, Maria Josefina Gabril (Org.). **Cidade: olhares e trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond Univesitária FUPERJ, 2009. p.193-217.
- CECCHETTO, Fátima; FARIAS; Patrícia. “Tu mora onde?” território e produção de subjetividade no espaço urbano carioca. In: CARNEIRO, Sandra de Sá; SANTANA, Maria Josefina Gabril (Org.). **Cidade: Olhares e Trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond Univesitária FUPERJ, 2009. p. 219-239.
- DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I Série**, v. 10-11, Porto, p. 5-18, 1994-1995. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2010.
- FAIXA de areia. Produção de Daniela Kallman e Flávia Lins e Silva. Rio de Janeiro: Focus, 2007. 1 DVD.
- HOLANDA, Chico Buarque de. Subúrbio. Intérprete: \_\_\_\_\_. In: CHICO BUARQUE. **Carioca**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, c2006. 1 CD. Faixa 1.
- INSTITUTO PEREIRA PASSOS. Armazém de dados. **Índice de desenvolvimento Humano**: renda, por regiões administrativas – 2000. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, c2001-2009a. Disponível em: < <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos>>

/1377\_índice%20de%20desenvolvimento%20humano%20renda,%20por%20regiões%20administrativas%20-%202000.JPG>. Acesso em: 30 nov. 2010.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS. Armazém de dados. **Proporção de pessoas da cor/raça branca em relação ao total da população, por regiões administrativas – 2000**. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, c2001-2009b. Disponível em: < [http://www.armazemdados.rio.rj.gov.br/arquivos/1343\\_proporção%20de%20pessoas%20da%20cor%20raça%20branca%20em%20relação%20ao%20total%20-%202000.JPG](http://www.armazemdados.rio.rj.gov.br/arquivos/1343_proporção%20de%20pessoas%20da%20cor%20raça%20branca%20em%20relação%20ao%20total%20-%202000.JPG) >. Acesso em: 30 nov. 2010.

LEITE, Adriana Filgueira. O Lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 9-20, 1998. Disponível em: < [http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario\\_1998/vol21\\_09\\_20.pdf](http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_09_20.pdf) >. Acesso em: 30 nov. 2010.

MAIA, Rosemere Santos. A produção do espaço em áreas de autosegregação: o caso da Barra da Tijuca. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 39-75, 1998. Disponível em: < [http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario\\_1998/vol21\\_39\\_75.pdf](http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_39_75.pdf) >. Acesso em: 30 nov. 2010.

PALLONE, Simone. Diferenciando subúrbio de periferia. (Notícias do Brasil). **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 11, abr./jun. 2005. Disponível em: < <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a06v57n2.pdf> >. Acesso em: 30 nov. 2010.

PRETECEILLE, Edmond; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Tendências da segregação social em metrópoles globais e desiguais: Paris e Rio de Janeiro nos anos 80. **EURE: Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales**, Santiago, Chile, v. 25, n. 76, dic. 1999. Disponível em: < [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0250-71611999007600004&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71611999007600004&lng=es&nrm=iso&tlng=pt) >. Acesso em: 30 nov. 2010.

SABOYA, Renato. Segregação Espacial Urbana. In: \_\_\_\_\_. **Urbanidades**. [Santa Catarina: UFSC]: 2007. Disponível em: < <http://urbanidades.arq.br/2009/05/segregacao-espacial-urbana/> >. Acesso em: 4 jun. 2010.

SANTOS, Milton. O conceito de paisagem. In: GEOMUNDO: geografia: temas geográficos. 2004. Disponível em: < <http://www.geomundo.com.br/geografia-30179.htm> > . Acesso em: 30 nov. 2010.

## BIBLIOGRAFIA

BÓGUS, Lúcia Maria Machado. Direito à cidade e segregação espacial. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, n. 2, p.47-50, abr.-jun. 1991.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**: revista do Laboratório de Gestão do Território da UFRJ, Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-85, jul.-dez. 1997.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. **A valorização do espaço**. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **Revista RA'EGA**: publicação do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, Curitiba, n. 7, p.79-85, 2003.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Entrevistas aplicadas a moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro

- a) Nome, Idade e bairro onde mora
  - b) Renda mensal familiar (estipulada pelo entrevistado), escolaridade, Cor (à qual o entrevistado julga pertencer)
  - c) Profissão e bairro onde trabalha
- 
- 1) O que você costuma fazer aos fins de semana para se divertir?
  - 2) Que tipo de música você gosta de ouvir?
  - 3) O que você acha a respeito dos planos de expansão do metrô para toda a Zona Sul?
  - 4) Diga-me o nome de três bairros do subúrbio.
  - 5) Com que frequência você costuma ir ao Subúrbio?
  - 6) Que tipos de atividades provocam seu deslocamento para lá?
  - 7) Você se sente bem (à vontade) no Subúrbio?
  - 8) Como você acha que um morador do Subúrbio usufrui do espaço da Zona Sul?
  - 9) É possível perceber diferenças entre um morador da zona sul e um morador do subúrbio?
  - 10) Você acha que existe preconceito com quem mora no subúrbio?
  - 11) E com quem mora na zona sul?
  - 12) Tem familiares que moram no subúrbio? Se sim, em qual(is) bairro(s)?
  - 13) Ainda se sim, com que frequência você o(s) vê? E onde?
  - 14) Tem amigos que moram no subúrbio? Se sim, o que costumam fazer juntos? E onde?
  - 15) Você gostaria de morar no subúrbio? Por quê?

- 16) Associe “Subúrbio” a uma palavra positiva e a uma palavra negativa.
- 17) O que você acha que pode melhorar na zona sul?
- 18) O que o subúrbio tem que a zona sul não tem, na sua opinião?
- 19) E o que a zona sul tem que o subúrbio não tem?
- 20) O que você acha que pode melhorar no Rio de Janeiro em geral?
- 21) Em que momentos você se sente mais carioca?

#### APÊNDICE B – Entrevistas aplicadas a moradores do Subúrbio do Rio de Janeiro

- a) Nome, Idade e bairro onde mora
- b) Renda mensal familiar (estipulada pelo entrevistado), escolaridade, Cor (à qual o entrevistado julga pertencer)
- c) Profissão e bairro onde trabalha

- 1) O que você costuma fazer aos fins de semana para se divertir?
- 2) Que tipo de música você gosta de ouvir?
- 3) Diga-me o nome de três bairros da zona sul
- 4) Com que frequência você costuma ir à zona sul?
- 5) Que tipos de atividades provocam seu deslocamento para lá?
- 6) Você se sente bem (à vontade) na zona sul? Tem algum tipo de estranhamento?
- 7) Gostaria de morar na zona sul?
- 8) O que você acha que geralmente um morador da zona sul vem fazer no subúrbio?
- 9) É possível perceber diferenças entre um morador da zona sul e um morador do subúrbio?
- 10) Você acha que existe preconceito com quem mora no subúrbio?
- 11) E com quem mora na zona sul?
- 12) Tem familiares que moram na zona sul? Se sim, em qual(is) bairro(s)?
- 13) Ainda se sim, com que frequência você o(s) vê? E onde?
- 14) Tem amigos que moram na zona sul? Se sim, o que costumam fazer juntos? E onde?
- 15) Avaliando opções de transporte e tempo de viagem, você acha fácil se deslocar com frequência para a zona sul?
- 16) Associe “zona sul” a uma palavra positiva e a uma palavra negativa.

- 17) O que você acha que pode melhorar no subúrbio?
- 18) O que o subúrbio tem que a zona sul não tem, na sua opinião?
- 19) E o que a zona sul tem que o subúrbio não tem?
- 20) O que você acha que pode melhorar no Rio de Janeiro em geral?
- 21) Em que momentos você se sente mais carioca?